

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

**As características da vivência das pessoas que
se encontram desempregadas**

Ligia Maria Soufen Tumolo

Florianópolis
2002

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO**

**AS CARACTERÍSTICAS DA VIVÊNCIA DAS PESSOAS QUE
SE ENCONTRAM DESEMPREGADAS**

LIGIA MARIA SOUFEN TUMOLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira
Orientador

Florianópolis
2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

***AS CARACTERÍSTICAS DA VIVÊNCIA DAS PESSOAS QUE
SE ENCONTRAM DESEMPREGADAS***

Ligia Maria Soufen Tumolo

Dissertação defendida como requisito parcial para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado, Linha de Pesquisa Organizações Humanas, Trabalho e o Fenômeno das Representações Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof^a Dr^a Maria Juracy Toneli Siqueira
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira (UFSC)
Orientador

Prof. Dr. Fernando Ponte de Souza (UFSC)

Prof. Dr. Reinaldo Fleury (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM 19/08/2002

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão sobre as características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas. Para tal, a pesquisadora apresenta uma discussão sobre o fenômeno do desemprego na sociedade brasileira contemporânea. Apresenta, também, estudos desenvolvidos em várias países, como também no Brasil, sobre o impacto do desemprego para a vida das pessoas que se encontram desempregadas, mostrando seus efeitos para a saúde como um todo, e também apontando alguns problemas sociais decorrentes do desemprego.

Baseando-se nesses estudos, a pesquisadora investigou as características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas na cidade de Florianópolis, SC. A pesquisa envolveu 13 participantes, escolhidos aleatoriamente, dentre pessoas desempregadas que procuravam emprego por meio de encaminhamento do SINE - Sistema Nacional de Emprego - de Florianópolis, SC. Para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas. Os resultados permitiram à pesquisadora sistematizar as características da vivência das pessoas desempregadas em treze grupos de análise. A partir da revisão bibliográfica e da coleta de dados, a pesquisadora conclui que, para compreender a vivência dessas pessoas desempregadas, é necessário ir para além de sua vivência: é necessário compreender essa vivência considerando a lógica das relações sociais capitalistas de produção.

ABSTRACT

This study aims at presenting a discussion on the characteristics of the experience of unemployed people. For such, the researcher presents a discussion on the phenomenon of unemployment in Brazilian contemporary society, as well as some studies carried out in various countries, including Brazil, on the impact of unemployment on the lives of the unemployed, showing its effects on their health, and pointing to some social problems resulting from it. Based on these studies, the researcher investigated the characteristics of the experience of the unemployed in the city of Florianópolis – SC. The research involved 13 participants, chosen randomly among unemployed people looking for a job through the assistance of SINE – Sistema Nacional de Empregos – Florianópolis, SC. The data was collected through a semi-structured interview. The findings allowed the researcher to systematize the characteristics of the unemployed into thirteen groups of analysis. Based on the review of literature and on the data collected, the researcher concluded that, in order to understand the experience of the unemployed people, it is necessary to go beyond it: it is necessary to understand their experience considering the logic of the capitalist social relations of production.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os participantes desta pesquisa pela disposição em abrir sua intimidade e falar sobre momentos dolorosos de suas vidas. Sinto que a força desses depoimentos e o desejo de torná-los visíveis aos olhos da ciência e da comunidade, foram a maior motivação para que eu continuasse este estudo. De coração, desejo que vocês tenham encontrado uma condição melhor do que aquela em que se encontravam no momento em que foram realizadas as entrevistas.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Ribeiro Ferreira por ter apostado neste tema. Agradeço pelo seu apoio, sua atenção em todos os momentos de orientação realizados. Especialmente agradeço a confiança depositada em mim.

À minha mãe (*in memoriam*), por quem tenho um amor eterno, apesar de ela ter "nos deixado" neste período de realização do mestrado.

Ao meu pai, pelo exemplo de "guerreiro, de jovialidade e de disposição" que ele sempre foi para mim. Agradeço com muito amor, por ter sempre me incentivado nos meus estudos e na minha carreira profissional.

Ao Celso, meu irmão sempre companheiro de todos os momentos. Sua lealdade e sua capacidade de me amparar em todos os momentos desafiantes de minha vida, sempre me revelaram que o amor verdadeiro expresso na participação, na mediação, no estar junto, é possível.

Ao Luiz, meu irmão cujo amor é capaz de transpor nossa distância física, simplesmente porque sabemos que, em nossos corações, o que mais desejamos é o sucesso e a felicidade um do outro.

Ao Paulinho, cujo centramento e a forma de encarar a vida sempre me fizeram olhar para a realidade como ela é. E com quem, com todo o seu amor, carinho, dedicação e acolhimento, também aprendi a transcender a realidade, acreditar e valorizar os meus sonhos.

Ao Adir, amigo de todas as horas, cuja disponibilidade, atenção, amor e carinho fez-me transpor desafios, me ajudando sempre a fazer as escolhas certas. Obrigada pelo espaço afetivo que pudemos ocupar um na vida do outro.

À Bel, minha bela cunhada, cuja alegria contagiante sempre me ajudou a ver o colorido dos momentos.

Ao Reinaldo, Dionísia, Lilian e Leonardo. Obrigada por tantos momentos agradáveis que pudemos juntos compartilhar.

À Sandra, minha irmã de muitas vidas. Com seu sorriso, alegria, amor e amizade, pude compartilhar momentos felizes, os quais sempre me impulsionaram a acreditar no lado maravilhoso da vida. Obrigada por me acolher sempre nos momentos mais difíceis, e por verdadeiramente desejar o meu sucesso como profissional e como pessoa. Obrigada por compartilhar comigo momentos do coração.

Aos amigos Evaristo, Rosa Maria e Fabiane. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, ajudando-me a ampliar as minhas percepções a respeito da vida e das situações, possibilitando a abertura de vários novos caminhos. Obrigada por ajudarem-me a reconhecer os meus pontos fracos, assim como minhas maiores qualidades, auxiliando-me a crescer como pessoa e como profissional.

Aos meus colegas da UDESC. Obrigada pela compreensão e apoio neste momento de escrita da dissertação. Em especial à Maria da Conceição, com quem pude compartilhar a escrita da dissertação, o processo do mestrado, assim como assuntos do coração.

A todos os meus colegas do mestrado, que participaram desse processo, compartilhando momentos difíceis e de muita alegria. Sucesso a todos!

À Maria Helena, pela força e pelo acompanhamento do meu processo como pessoa. Muito obrigada por me ajudar a encontrar o melhor de mim, em todo esse processo.

Esse Desemprego!

*Meus senhores, é mesmo um problema
Esse desemprego!
Com satisfação acolhemos
Toda oportunidade
De discutir a questão.
Quando queiram os senhores! A todo momento!*

*Para nós é inexplicável
Tanto desemprego.
Algo realmente lamentável
Que só traz desassossego.
Mas não se deve na verdade
Dizer que é inexplicável
Pois pode ser fatal
Difícilmente nos pode trazer*

*A confiança das massas
Para nós imprescindível.
É preciso que nos deixem valer
Pois seria mais que temível
Permitir ao caos vencer
Num tempo tão pouco esclarecido!
Algo assim não se pode conceber
Com esse desemprego!*

*Ou qual a sua opinião?
Só nos pode convir
Esta opinião: o problema
Assim como veio, deve sumir*

*Mas a questão é: nosso desemprego
Não será solucionado
Enquanto os senhores não
Ficarem desempregados!*

(Brecht)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O DESEMPREGO NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	15
1. A EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO NO BRASIL	15
2. AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DE COMPREENSÃO DO DESEMPREGO.....	24
2. AS CONSEQÜÊNCIAS DO DESEMPREGO PARA PESSOAS DESEMPREGADAS ...28	
1. EUROPA.....	30
2. ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA LATINA.....	36
3. BRASIL.....	38
3. A VIVÊNCIA DE PESSOAS DESEMPREGADAS EM FLORIANÓPOLIS45	
1. METODOLOGIA.....	45
1.1. <i>A pesquisa de campo</i>	46
1.1.1. Caracterização da Instituição.....	46
1.1.2. O processo de escolha dos participantes da pesquisa.....	46
1.1.3. Descrição dos participantes.....	48
1.2. <i>Transcrição das entrevistas</i>	50
1.3. <i>Procedimentos de análise e interpretação</i>	50
1.4. <i>Consulta bibliográfica local</i>	50
1.5. <i>Consulta bibliográfica em bases de dados</i>	50
2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	51
2.1. <i>Características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas</i>	51
2.1.1. A busca incessante pelo emprego: será uma ocupação?.....	52
2.1.2. O desemprego interfere no dia e na noite do desempregado.....	56
2.1.3. A responsabilidade pela situação de desemprego.....	59
2.1.4. A possibilidade da transgressão das normas sociais.....	64
2.1.5. A família: de provedora à necessidade de ser provida.....	65
2.1.6. Queda no padrão de consumo: já não compro mais.....	70
2.1.7. Não me falta nada, só decidir sobre a minha própria vida!.....	73
2.1.8. Desemprego: falta da atividade ou do salário?.....	75
2.1.9. O distanciamento social.....	77
2.1.10. Os sentimentos diante da situação do desemprego.....	79
2.1.11. A desconsideração pelo desempregado.....	83
2.1.12. Diante do desemprego é preciso ter esperança!.....	84
2.1.13. O desemprego dificulta o planejamento da vida futura.....	86
2.2. <i>A vivência das pessoas desempregadas: algumas conclusões</i>	87
4. O DESEMPREGO SOB A ÓGIDE DO CAPITALISMO91	
1. A CONTRIBUIÇÃO DOS PESQUISADORES DA PSICOLOGIA.....	92
2. O TRABALHO E A PRODUÇÃO DA VIDA HUMANA.....	96
3. O SIGNIFICADO DO DESEMPREGO NA LÓGICA DO CAPITALISMO.....	99
3.1. <i>Proprietários de meios de produção e vendedores de mercadorias</i>	100

3.2. <i>Vendedores de força de trabalho</i>	103
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS.....	112
---------------------	-----

ANEXO.....
....	115

ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	115
----------------------------	-----

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo passa por profundas transformações. As mudanças que vêm ocorrendo no interior do universo do trabalho se configuram como uma de suas principais características.

Neste sentido, o crescimento do desemprego desponta como um dos fenômenos mais significativos nas últimas três décadas, na quase totalidade dos países, atingindo uma enorme parcela da população mundial. O aumento do desemprego se faz presente em países considerados como economias centrais do capitalismo, como a França, Alemanha, Espanha e Itália, assim como em países considerados como economias periféricas do capitalismo, como a Argentina, Chile, El Salvador, de forma que é possível afirmar que a expansão do desemprego na atualidade, é um fenômeno mundial.

O caso do Brasil não é diferente no que se refere a essa tendência de incremento do desemprego, o que se verifica mediante uma comparação do desemprego brasileiro em diferentes momentos: em 1986, o Brasil ocupava a décima terceira posição em índices de desemprego, mas a partir do início da década de 1990, passa a compor o conjunto dos quatro países com maiores taxas de desemprego no mundo. (Pochmann, 1999a).

Na medida em que o desemprego é um fenômeno que atinge os diversos países, pesquisadores de várias nacionalidades vêm conduzindo estudos com o objetivo de verificar os impactos do desemprego para a vida das pessoas, investigando principalmente seus impactos para a saúde como é o caso de Lejoux, Boulenguiez e Fichelle (2000), na Inglaterra. Outros

pesquisadores têm tido uma perspectiva de análise sociológica dos impactos do desemprego, como se verifica em Cattani (1986), na França, e outros ainda, têm focado aspectos relacionados aos sentimentos e percepções relacionados à situação do desemprego, como Brasileiro (2000), no Brasil.

Esses estudos convergem no que se refere aos efeitos negativos que o desemprego acarreta para as pessoas desempregadas, para seus familiares e para a sociedade como um todo. Tais estudos demonstram que a situação de desemprego está associada à ocorrência de distúrbios psicológicos; e que o desemprego tem uma correlação com a emergência e o agravamento de problemas sociais, como o aumento da criminalidade, e, também, possui uma relação com o desencadeamento de sentimentos negativos, como a redução na auto-estima.

O conhecimento da expansão do desemprego na sociedade contemporânea, principalmente no Brasil, e de algumas de suas conseqüências para a vida humana, leva a pergunta de pesquisa ora apresentada: Quais as características da vivência¹ das pessoas que se encontram desempregadas?

Para responder esta pergunta de pesquisa, a pesquisadora busca ressaltar pontos de convergência entre as características da vivência das pessoas desempregadas em Florianópolis e dos efeitos do desemprego apresentados como resultados dos estudos já realizados sobre esta temática em outras localidades.

A discussão das características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas tem três principais justificativas: a) social, já que possibilita ampliar a discussão a respeito do desemprego, e, a partir da análise dos dados coletados, dar subsídios para uma maior compreensão da vivência das pessoas que se encontram desempregadas para inúmeras instituições, como aquelas vinculadas à promoção social e da saúde; b) científica, uma vez que

¹ O termo vivência, neste estudo, se refere à configuração de sentidos que cada pessoa vai desenvolvendo e atribuindo aos eventos que experimenta (de que se sente envolvido, na maioria das vezes como protagonista ou vítima) no decorrer de sua vida, cotidianamente. Sentido se refere à possibilidade de atribuição de significados a eventos de que a pessoa participa diretamente. Significados são compreendidos como representação simbólica das finalidades da ação, elaborada e assimilada por um sujeito social.

discute o desemprego na perspectiva pessoal do desempregado, contribuindo, assim com elementos que possibilitem uma discussão sobre a principal dimensão - a vida humana no contexto do desemprego; e c) científica, uma vez que possibilita ampliar uma discussão sobre como as formas de relações sociais e de produção determinadas por uma sociedade, no caso, a capitalista, interferem na vida humana, contribuindo, assim, para uma compreensão do gênero humano determinado pelas relações sociais e históricas.

Neste sentido, é fundamental destacar que para este estudo se adota uma concepção histórica de sujeito na qual o sujeito é entendido como aquele que se constitui como sujeito na medida em que, historicamente, vem produzindo sua própria vida mediante o estabelecimento de relações sociais e de produção que permitem sua sobrevivência.

Esta concepção de sujeito histórico permite o resgate de uma reflexão realizada por Bock (1999), ao analisar constituição do fenômeno psicológico humano. A autora faz uma crítica à psicologia social por ter negligenciado o trabalho como elemento fundamental na constituição do psiquismo humano e, portanto, na constituição dos sujeitos humanos.

A Psicologia Social, como área de conhecimento da Psicologia, não tem apresentado o trabalho como fator estruturante do fenômeno psicológico. A psicologia social tem construído suas teorias e conceitos sem tocar no trabalho. Esta psicologia social, que tem como seu objeto de estudo a relação do homem com a sociedade, ao esquecer o trabalho, não falou do homem. Descolou, abstraiu, dicotomizou e naturalizou. Com isto tornou-se ideológica, porque ocultou com suas teorias o fator social de constituição do sujeito: o trabalho. (p.5)

Na opinião da autora, esta tendência em desconsiderar o trabalho como fator social determinante para a constituição dos sujeitos humanos, tem suas origens numa postura dos psicólogos, de naturalizar o fenômeno psicológico. No entanto, para Bock (1999), compreender o homem de nosso tempo requer que se compreenda as “formas de trabalho e de não trabalho” que a sociedade atual tem oferecido a este homem, para sua constituição enquanto sujeitos humanos. Para a autora,

enfim, é pelo trabalho, que tem suas formas sociais e históricas de se apresentar, que o homem produz a realidade material, que significada é introjetada pelo homem, constituindo seu mundo de sentidos e significados: seu mundo psicológico. O trabalho está na base da construção do fenômeno psicológico. Estudar o homem de nosso tempo exige que o pensemos a partir das formas de trabalho e de não trabalho que temos oferecido como possibilidade, em nosso tempo, de nos tornarmos humanos. (p. 5)

Desta forma é possível, segundo a autora, fazer uma psicologia crítica, isto é, uma psicologia que ao buscar compreender o homem e o fenômeno psicológico, busque compreendê-los dentro de sua realidade social, o que somente pode ser realizado na investigação deste homem em relação com suas “formas de produção da vida” (p. 5)

Bock (1999) utiliza a psicologia socio-histórica para respaldar sua reflexão a respeito do papel do trabalho na constituição do psiquismo humano, e, ao fazê-lo, está se reportando às bases epistemológicas que fundamentam a teoria socio-histórica, o materialismo dialético desenvolvido por Marx e Engels. Neste sentido, é imprescindível mencionar que Marx não analisou ‘qualquer trabalho’ ou ‘o trabalho como substantivo’, mas o trabalho no interior da sociedade capitalista.

Partindo do referencial do materialismo histórico, o trabalho corresponde a uma categoria analítica, que deve ser necessariamente compreendido como produção social e histórica do homem e, portanto, não deve ser analisado isoladamente das características específicas da sociedade na qual está inserido, no caso a sociedade capitalista.

Discutir trabalho numa sociedade capitalista, partindo de um referencial teórico marxista envolve, portanto, discutir as relações que se configuram entre aqueles que são detentores dos meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho, assim como, da produção de mais valia e da acumulação de capital. Falar de trabalho na sociedade capitalista implica em compreender que da mesma forma que o movimento de acumulação de capital necessita de trabalhadores que ao venderem sua força de trabalho, produzem mercadorias e, portanto, mais valia faz parte da lógica do capital, na sua busca de competitividade, descartar os trabalhadores, formando um exército de reserva: os trabalhadores desempregados. Por conseguinte, falar de

trabalho na sociedade capitalista, nesta perspectiva de análise, também é falar de desemprego, já que este fenômeno é produto das relações de produção intrínsecas à lógica de acumulação de capital.

Bock (1999) tem apontado que o trabalho tem sido negligenciado pela psicologia social, como um elemento central na constituição dos sujeitos humanos. Faz-se necessário demarcar que a compreensão dos sujeitos humanos, na atualidade, requer que se estude, assim, o trabalho desenvolvido no atual momento histórico, isto é, na contemporaneidade. Portanto, compreender os sujeitos humanos na atualidade implica investigar as determinações das relações de produção especificamente capitalistas na produção deste gênero humano.

A discussão supracitada compõe os elementos centrais da presente dissertação que se constitui de quatro capítulos.

No capítulo primeiro, será apresentada uma análise da expansão do desemprego na sociedade brasileira contemporânea. Será realizada também, uma discussão sobre a complexidade na conceituação e na medição do desemprego.

No segundo capítulo, serão apresentados alguns estudos, desenvolvidos em diversos países, que se propuseram a investigar as conseqüências do desemprego para a vida das pessoas. Estes estudos privilegiam a investigação dos efeitos do desemprego para a saúde das pessoas, apresentam problemas sociais decorrentes do desemprego, assim como apontam os sentimentos gerados pela situação de desemprego.

O capítulo terceiro contempla a apresentação do método de investigação utilizado. Apresenta, também, os resultados acerca das características da vivência das pessoas desempregadas em Florianópolis.

O capítulo quarto se constitui por uma análise que permite a compreensão do fenômeno do desemprego dentro de uma perspectiva histórica e, portanto, no interior das relações capitalistas de produção. A conclusão do presente estudo constitui-se da fundamentação teórica daquilo que, no plano empírico, é vivenciado pelas pessoas desempregadas que foram objeto de estudo desta dissertação.

CAPÍTULO 1

O DESEMPREGO NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

É possível constatar que o mundo passa por intensas transformações, as quais são vivenciadas quotidianamente pelas pessoas. Um dos temas que está na pauta destas mudanças ocorre no universo do trabalho, em suas várias dimensões. Emprego, desemprego, precarização das condições de trabalho são assuntos freqüentemente discutidos por analistas de várias áreas do conhecimento, jamais esquecidos nos discursos de políticos. Desemprego e precarização das condições de trabalho podem tomar proporções dramáticas nas vidas dos trabalhadores de vários países do mundo, assim como de trabalhadores brasileiros.

A discussão do desemprego e de sua expansão fornece a base para contextualizar o objeto de investigação deste estudo

1. A EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO NO BRASIL

O conhecimento do número de pessoas desempregadas no mundo e da expansão do desemprego em várias nações possibilita uma visualização do impacto que este fenômeno tem tido na vida da população em todo o mundo.

Dados levantados pela Organização Mundial do Trabalho no ano de 1999 mostraram que, para uma população economicamente ativa mundial, estimada em 3 bilhões de pessoas, havia 1 bilhão de trabalhadores na condição de desemprego. Isso significa dizer que, em cada 3 trabalhadores no mundo, 1 se encontrava excluída do mercado de trabalho.

Dados estatísticos revelam que nas últimas três décadas, o desemprego tem sido crescente, tanto nas economias centrais, quanto nas economias periféricas do capitalismo.

Pochmann (2001) aponta que a elevação do número de desempregados é maior em nações periféricas quando analisadas e comparadas às taxas de crescimento da população economicamente ativa entre as nações. Este dado demonstra que as nações periféricas têm sofrido, de forma mais ostensiva, o impacto do desemprego.

No Brasil o desemprego cresce de forma significativa, principalmente nas duas últimas décadas. Segundo Pochmann (2001), as transformações ocorridas na economia brasileira, a partir da segunda metade da década de 1980, têm gerado um desemprego sem paralelo na história brasileira, de tal maneira que, para ele, o desemprego atinge o tecido social brasileiro como epidemia. Análise semelhante é feita por Mattoso (2000), ao afirmar que, atualmente, o desemprego é um fenômeno de amplitude nacional, que se caracteriza pela sua extraordinária intensidade e que seus índices não possuem paralelo com outros momentos da história do país.

Para que se possa ter uma compreensão da expansão do desemprego no Brasil, é necessário apontar que existem duas agências de pesquisas responsáveis pelo acompanhamento sistemático do desemprego: a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos), juntamente com a Fundação SEADE (Sistema Nacional de Análise de Dados).

A Pesquisa Mensal de Emprego, realizada pelo IBGE, acompanha o desemprego no mercado de trabalho em seis regiões metropolitanas - Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, e Porto Alegre, e conforme aponta Mattoso (2000), possui um método mais limitado de coleta e análise de dados sobre o desemprego, já que tem como indicador principal a taxa de desemprego aberto em sete dias. Neste método são considerados desempregados somente aqueles trabalhadores que estão sem qualquer trabalho, e que tenham exercido algum ato de busca de emprego nos sete dias que antecederam a pesquisa. Devido a este método limitado, o qual se baseia apenas no desemprego aberto, o IBGE produz como resultado taxas médias anuais de desemprego relativamente baixas, se comparadas às taxas produzidas pela PED.

Já a PED, realizada pelo DIEESE/SEADE, desenvolve sua pesquisa atualmente nos mercados metropolitanos de trabalho de São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre e Brasília. Ela utiliza um método de coleta e análise de dados mais apropriados para a compreensão do fenômeno do desemprego brasileiro, conforme destaca Mattoso (2000), na medida em que adota um método mais capaz de englobar as variações das situações de emprego, os quais são característicos da sociedade brasileira da atualidade. Para a PED, são considerados desempregados aqueles trabalhadores que estão na situação do desemprego aberto e desemprego oculto pelo trabalho precário e pelo desalento. Portanto, para a PED são considerados desempregados os trabalhadores que: a) não procuram trabalho ou exercem qualquer atividade na semana de referência da pesquisa, mas que tenham procurado emprego no decorrer do mês; b) que exercem algum tipo de atividade irregular e descontínua em simultâneo à procura de trabalho, o chamado desempregado oculto pelo trabalho precário; e c) não procuraram trabalho no mês anterior, por se sentirem desestimulados pelo mercado de trabalho, uma vez que procuraram trabalho nos últimos 12 meses, sem êxito, o que se denomina desemprego oculto pelo desalento. Este método de análise resulta em taxas de desemprego anuais distintas e mais expressivas em relação à PME/IBGE.

É importante ressaltar que o trabalho precário pode ser, ou não, englobado dentro da categoria desemprego, dependendo dos critérios utilizados e da fonte de pesquisa que são tomados como referência. Este fato impede que os autores possuam uma constância em considerar a precarização como desemprego, já que ora analisam a precarização como parte integrante do desemprego, ora se referem aos dois fenômenos de forma separada.

Ao fazer uma análise do mercado de trabalho brasileiro, Mattoso (2000) destaca dois momentos marcados por duas tendências diferentes, no que se refere à questão de emprego e desemprego. O primeiro deles corresponde ao período pós Segunda Guerra Mundial, época em que o país teve uma expansão da economia urbana e industrial e que, portanto, teve uma elevada geração de empregos assalariados. Tal processo de expansão do mercado de trabalho foi

praticamente suficiente para garantir empregos para a população urbana crescente e para aquela população que migrava do campo para a cidade.

A partir da metade da década de 1980, surge uma outra tendência no que se refere ao mercado de trabalho. Neste período, surgiram os primeiros indícios do desemprego urbano, fato que resultou na ampliação da economia informal. No entanto, nessa década o desemprego não era significativo, já que era vinculado às oscilações do ciclo econômico, portanto crescendo conforme a retração das atividades produtivas, e decrescia conforme a expansão das mesmas atividades.

Da mesma forma, Pochmann (1999b) afirma que, até a década de 1980, houve uma estruturação do mercado de trabalho brasileiro, caracterizada por uma ampliação dos empregos assalariados, por uma redução de ocupações por conta própria, e por um baixo nível de desemprego. Pochmann (1999a), aponta que, a partir da década de 1990, o Brasil vive uma desestruturação do mercado de trabalho, caracterizada pelo aumento do desemprego, alteração no perfil do desemprego, e pelo fenômeno do *desassalariamento*.

Para Pochmann (1999a), o desemprego brasileiro na atualidade se caracteriza, grosso modo, pela menor evolução dos postos de trabalho abertos frente a expansão da população economicamente ativa (PEA). Isto resulta em altas taxas de desemprego em todas as regiões geográficas do país, fato que coloca o Brasil em quarto lugar no ranking mundial do desemprego, perdendo somente para países como a Índia, Indonésia e Rússia.

Tabela 1

Taxas de desemprego – Brasil 1989-1999 (*)

Ano	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Desemprego Aberto	3,4	4,3	4,8	5,8	5,3	5,1	4,6	5,4	5,7	7,6	7,8

Fonte: PME-IBGE (Apud Mattoso, 2000 p. 12)

(*) 1999 = média Janeiro-Maio

Tabela 2

Taxas de desemprego – Região Metropolitana de São Paulo 1989-1999 (*)

Ano	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Desemprego Total	8,7	10,3	11,7	15,2	14,6	14,2	13,2	15,1	16,0	18,3	19,5
Desemprego Aberto	6,5	7,4	7,9	9,2	8,6	8,9	9,0	10,0	10,3	11,7	12,3
Des. Oculto Total	2,2	2,9	3,8	6,0	6,0	5,3	4,2	5,1	5,7	6,6	7,2
Oculto pelo trab. precário	1,5	2,0	2,9	4,6	4,7	4,0	3,3	3,8	4,2	4,6	4,9
Oculto pelo desalento	0,7	0,9	0,9	1,4	1,3	1,3	0,9	1,3	1,5	1,9	2,2

Fonte: PED-SEADE/DIEESE (Apud Mattoso, 2000 p. 12)

(*) 1999 = média Janeiro-Junho

Tabela 3

Evolução das taxas de desemprego – Brasil (1) e São Paulo (2) 1989-1999

Ano	1989	1994	1998	1999	Varição em % 1999/1989
Desemprego Total-SP PED-SEADE/DIEESE	8,7	14,2	18,3	19,5	110,3
Desemprego Aberto Brasil - PME-IBGE	3,4	5,1	7,6	7,8	123,5

Fonte: PED-SEADE/DIEESE; PME-IBGE (Apud Mattoso, 2000 p. 13)

(1) 1999 = média Janeiro-Maio

(2) 1999 = média Janeiro-Junho

O que chama a atenção nas tabelas não são somente as altas taxas de desemprego no Brasil, principalmente quando são considerados os critérios utilizados pelo SEADE-DIEESE, mas, sobretudo a evolução acentuada do desemprego no período referido, constatada pelas duas instituições: para o SEADE-DIEESE, 110,3%; e para o IBGE, 123,5%.

Além do crescimento nas taxas do desemprego nacional, ocorreu uma alteração no perfil do desemprego. No passado, era um fenômeno relativamente homogêneo que atingia segmentos específicos do mercado de trabalho, tais como mulheres, jovens, negros, pessoas com baixa

qualificação e com pouca experiência profissional. Atualmente, se apresenta complexo e heterogêneo, atingindo todos os segmentos sociais, inclusive camadas com maior escolaridade, profissionais com experiência em níveis hierárquicos superiores e altos escalões de remuneração (Cf. tabelas abaixo).

Tabela 4

Evolução das taxas de desemprego por sexo – São Paulo (1) 1989-1999

Sexo	Ano	1989	1994	1998	1999	Varição em % 1999/1989
Mulheres		10,8	16,4	21,1	21,9	95,2
Homens		7,5	12,8	15,9	17,6	111,6

Fonte: PED-SEADE/DIEESE (Apud Mattoso, 2000 p. 13)

(1)1999 = média Janeiro-Junho

Tabela 5

Evolução das taxas de desemprego por escolaridade – Brasil (1) 1989-1999

Escolaridade	Ano	1989	1994	1998	1999	Variação em % 1999/1989
Menos de 5 anos		2,9	4,0	6,1	6,4	110,6
5 a 8 anos		4,9	7,0	9,6	9,5	96,3
9 a 11 anos		4,5	6,0	9,1	10,1	102,9
Mais de 11 anos		1,8	2,4	4,0	4,2	123,9

Fonte: PME-IBGE (Apud Mattoso, 2000 p. 13)

(1) 1999 = média Janeiro-Maio

Tabela 6

Evolução das taxas de desemprego por posição na família – Brasil (1) 1989-1999

Posição família	Ano	1989	1994	1998	1999	Variação em % 1999/1989
Chefe		1,7	3,2	5,1	5,2	197,3
Cônjuge		1,6	3,1	5,4	5,2	239,2
Filho		7,4	9,7	13,4	14,4	81,4
Outros		4,3	6,7	9,3	9,5	116,0

Fonte: PME-IBGE (Apud Mattoso, 2000 p. 13)

(1) 1999 = média Janeiro-Maio

Outra característica do desemprego nacional é o aumento de sua duração média, passando de cerca de 15 semanas, em 1989, para 36 semanas, em 1998 e alcançando 40 semanas nos primeiros meses de 1999, conforme afirma Mattoso (2000). Esses dados demonstram que há desempregados brasileiros que vivem na condição de desemprego durante quase um ano inteiro, em média.

No estado de Santa Catarina, segundo estudos realizados pela subseção do DIEESE, existem indícios de um desemprego estrutural, que acomete várias cidades do estado, inclusive a

capital Florianópolis. Isso significa que Santa Catarina não apresenta uma realidade diferente no que se refere ao impacto da diminuição das ofertas de emprego e às dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, para se inserirem no mercado de trabalho catarinense.

Pesquisas realizadas sobre o emprego no comércio de Santa Catarina demonstram que o comércio formal vem perdendo sua expressividade como empregador. Segundo o estudo "*Reestruturação tecnológica e Emprego no Comércio de Santa Catarina*", realizado pelo DIEESE-SC, a partir de 1995 o comércio de Santa Catarina se tornou um setor com crescente desemprego, situação esta que tende a se agravar devido a causas conjunturais, como a liberalização das importações, a queda de salários, a elevação das taxas de juros e os cortes com gastos sociais. Essas causas conjunturais, aliadas às causas estruturais, como as transformações tecnológicas, mudanças de gestão e concorrência acirrada de grandes cadeias de varejo, são responsáveis por um desemprego estrutural no comércio catarinense. Tal estudo mostrou que o ano de 1998, especificamente, se caracterizou por uma conjuntura mais problemática que os anos anteriores, no que se refere à economia e ao comércio do estado de Santa Catarina. Resultado: redução de 11 mil postos de trabalho no conjunto de setores mais formais e uma perda de 3.289 empregos no comércio, segundo levantamento do SINE/SC².

Baseado em análise do mesmo estudo sobre a situação do mercado de trabalho no setor comercial nas cidades do estado de Santa Catarina, constata-se que este setor fechou postos de trabalho, em percentuais elevados, em quase todas as regiões do estado. As cidades que compõem o conjunto daquelas que tiveram reduções mais significativas, entre 1994 a 1998, são: Blumenau com decréscimo de 22%, Florianópolis com decréscimo de 13,28%, Joinville com decréscimo de 9,49%, Lages com decréscimo de 9,61%, e Criciúma com decréscimo de 8,29%. Das 50 cidades do estado pesquisadas, somente 18 cidades apresentaram uma variação positiva no emprego do comércio e de serviços. No entanto, vale ressaltar que entre as outras 32

² Esse levantamento faz parte do mesmo estudo do DIEESE citado anteriormente.

idades que apresentaram desemprego no conjunto dos seus setores estão presentes as principais cidades industriais, de comércio e de serviços.

Outro elemento importante que se relaciona ao mercado de trabalho do comércio, nas principais cidades de Santa Catarina, e que está associado ao desemprego, se refere à flutuação dos empregados nas principais cidades do estado. Pesquisas demonstram uma elevada rotatividade em várias funções desempenhadas no comércio, já que uma elevada porcentagem de trabalhadores é demitida, mas volta a atuar, e é demitida novamente, passando outra vez, a fazer parte do grupo de desempregados. Tal fenômeno tem ocorrido devido à grande disponibilidade de mão de obra excedente no mercado, fato que facilita a adoção, por parte das organizações, de estratégias empresariais baseadas no recrutamento de pessoas mais qualificadas, porém com menores salários. Tal situação se torna preocupante na medida em que expressa que os trabalhadores estão sendo submetidos a situações de trabalho bastante instáveis e humilhantes, podendo ser demitidos a qualquer momento, caso seja de interesse das empresas.

De acordo com o estudo supra citado, esse procedimento reflete uma postura prepotente por parte das organizações, que contraria, inclusive, a Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT), no que se refere à proibição da demissão imotivada de trabalhadores por parte das empresas.

Com relação à remuneração dos comerciários, constata-se que, a partir de 1994, tal setor teve uma drástica redução dos salários médios reais de homens e mulheres, e segundo dados, este foi o setor que teve maior redução na sua média salarial.

Baseado na discussão acima é possível verificar que o desemprego tem tido um crescimento generalizado expresso nas estatísticas que refletem o contingente de pessoas desempregadas, na amplitude de seu avanço pelas regiões brasileiras e pelos segmentos sociais, assim como na sua duração média anual.

2. AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DE COMPREENSÃO DO DESEMPREGO

Um dos aspectos que mais chama a atenção quando se estuda a questão do desemprego é a imensa dificuldade em conceituar este fenômeno. Apesar dos esforços da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que, desde 1920, busca padronizar os parâmetros fundantes das informações estatísticas sobre o mercado de trabalho em todo o mundo, nem todos os países incorporam os conceitos e procedimentos estabelecidos internacionalmente pela OIT.

A tentativa de definir desemprego, assim como de medir o excedente de mão de obra mundial e dentro dos países, se constitui em tarefa extremamente complexa. Existem divergências metodológicas e conceituais para a medição do desemprego entre os países e, também, entre agências de pesquisa dentro de um mesmo país, que, aliadas à falta de homogeneidade na apuração geográfica (âmbito nacional, regional, municipal ou metropolitano) e temporal (anual, trimestral e mensal) do desemprego, dificultam ainda mais uma padronização nos parâmetros identificadores do desemprego. Conforme afirma Pochmann (2001),

ao mesmo tempo, concorrem entre si diferentes formas nacionais de medição do excedente de mão-de-obra, que vão desde levantamentos cadastrais de trabalhadores inscritos nas agências de emprego e usuários de benefícios tipo seguro desemprego, passando por cadastros patronais e pesquisas sindicais, até levantamentos oficiais produzidos por intermédio de investigações domiciliares. Na maioria das vezes, não predomina a convergência metodológica, permitindo que a definição de desemprego não seja, por exemplo, homogênea, nem mesmo em um determinado país, muito menos quando comparada, internacionalmente. (p. 79)

Como exemplo desta divergência, se pode citar o caso do Brasil, no qual há duas agências de pesquisa que são responsáveis pela medição do desemprego, a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), que possuem diferentes critérios no entendimento e medição do desemprego, como já exposto anteriormente.

O fator que tem tornado ainda mais difícil uma padronização na definição e medição do desemprego, no interior dos países e no mundo, se refere às intensas transformações que vêm ocorrendo recentemente no interior do mercado de trabalho dos países, como a flexibilização do mercado de trabalho, que tem estimulado a elaboração de contratos parciais e atípicos de trabalho (Pochmann, 2001). No entanto, conforme enfatiza o autor, tais dificuldades encontradas na medição da mão de obra excedente, "não devem impedir que se faça um exercício estatístico e analítico a respeito do desemprego no mundo" (p. 80), o que certamente possibilita exaustivas e necessárias reflexões sobre o assunto. Tal exercício vem sendo desenvolvido no Brasil por pesquisadores como Pochmann (1999a,b), Mattoso (2000), Antunes (1999).

Buscando sistematizar uma compreensão do que seja o desemprego, Pochmann (2001) diz que cada nação possui um contingente de pessoas que compõem a população economicamente ativa (PEA), isto é, aquelas que estão em condições de participar das atividades de produção social. De acordo com o autor, embora a PEA seja expressão do potencial de produção social, apenas uma parte dela, geralmente a maior, está envolvida diretamente nas atividades de produção social em conformidade com as necessidades e exigências do processo de acumulação do capital. O segmento da população ativa que supera tais necessidades e exigências do processo de acumulação de capital configura um conjunto de mão de obra excedente em cada país. De acordo com o autor, a parte mais visível deste excedente de mão de obra é identificada pelo desemprego aberto, e a menos visível é representada pelas mais diversas formas de organização da produção e de sobrevivência da população economicamente ativa, como por exemplo, o trabalho precário.

Dentro da compreensão de Pochmann (2001), o desemprego aberto corresponde aos trabalhadores que procuram ativamente por uma ocupação, para a qual possuem condições de exercê-la imediatamente, sendo que não desenvolvem nenhuma outra atividade laboral. O desemprego aberto indica o grau de concorrência no interior do mercado de trabalho em torno do acesso às vagas de emprego.

O trabalho precário e outras formas de sobrevivência representam a parte menos visível do excedente de mão de obra, já que envolve trabalhadores que realizam "bicos" para sobreviver concomitantemente à procura por um trabalho mais adequado às suas expectativas. Envolve também aqueles trabalhadores que desistem de procurar uma ocupação devido às tentativas anteriores de busca que foram frustradas, dentro de um mercado de trabalho desfavorável. Estas formas de desemprego são denominadas, respectivamente, desemprego oculto pelo trabalho precário e pelo desalento.

Isto significa dizer que as formas do trabalho precário, subemprego, "bicos", podem ou não estar incluídas na conceituação do desemprego, dependendo de qual tipo de desemprego está se referindo, se total ou desemprego aberto.

A falta de uniformidade nos critérios de conceituação do desemprego acarreta em dificuldades no estabelecimento de critérios para definir o termo desempregado. Isto ocorre no interior de um mesmo país, assim como entre países diferentes, já que essas conceituações dependem das agências de pesquisa responsáveis pelo estudo do desemprego. Por exemplo, uma pessoa pode ser considerada desempregada, mesmo exercendo algumas atividades precárias de trabalho, por um tipo de agência de pesquisa, e não ser considerada desempregada por outra.

Independentemente dos critérios de conceituação, o que se pode extrair como conclusão mais importante é o crescimento acentuado da taxa média de desemprego no Brasil, constatado pelos dois organismos de pesquisa, conforme tabela já apresentada neste capítulo referente ao período 1989 a 1999 para o SEADE-DIEESE, 110,3%; e para o IBGE, 123,5% , o que coloca o desemprego na lista de um dos maiores (senão o maior) problemas sociais contemporâneos.

Por esta razão, a pergunta que se impõe é a seguinte: quais são os desdobramentos, as conseqüências desse fenômeno para as pessoas que se encontram na condição de desempregadas? É o que se buscará abordar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

AS CONSEQÜÊNCIAS DO DESEMPREGO PARA PESSOAS DESEMPREGADAS

Neste capítulo será apresentada uma revisão bibliográfica de alguns estudos que tratam dos efeitos do desemprego para as pessoas desempregadas. O objetivo é fazer uma relação desses estudos com os resultados desta pesquisa.

Ao fazer um resgate histórico e uma contextualização das pesquisas que investigam os impactos psicossociais do desemprego, Garrido (1996) estabelece uma relação histórica entre as crises econômicas dos países, que geram desemprego, e a produção de pesquisas que investigam os impactos psicossociais deste. Assim, quando há elevação do desemprego, há também elevação no número de pesquisas sobre seus efeitos, e quando há redução do desemprego, ocorre uma diminuição no número de pesquisas sobre seus efeitos para as pessoas.

De acordo com a autora, as primeiras pesquisas sobre os impactos psicossociais do desemprego, datam da década de 1930, as quais foram impulsionadas pela elevação das taxas de desemprego causadas pela crise de 1929. A partir desta data, de acordo com uma revisão bibliográfica realizada pela autora, houve um aumento constante da produção científica sobre essa temática, com maior ênfase ainda, nos momentos em que aumentam as taxas de desemprego nos países separadamente, e no mundo, em geral. A mesma relação também é verificada nas décadas de 1960 e 1970, quando houve uma diminuição significativa na produção de pesquisas sobre o impacto psicossocial do desemprego, na medida em que se caracterizou por um período de recuperação econômica na qual a grande maioria dos países centrais do capitalismo viveu uma condição de pleno emprego.

Nos últimos anos da década de 1970, época em que começaram a ocorrer crises econômicas nos países industrializados, e o desemprego emerge como um dos principais problemas sociais, desencadeia-se um novo aumento nos debates públicos e científicos sobre as conseqüências do desemprego para a população, confirmando assim a relação entre crise econômica e o estudo do desemprego.

Ao fazer uma análise metodológica a respeito de um conjunto de pesquisas sobre os impactos psicossociais do desemprego, Garrido (1996), demonstra que as primeiras pesquisas, que datam da década de 1930, se concentravam especificamente nos seus efeitos sobre a saúde mental. No entanto, na medida em que o conceito de saúde mental vem se ampliando, de uma concepção de ausência de sintomas de doenças para uma concepção mais geral, entendida como a presença de bem estar psicológico, as pesquisas começam a investigar o impacto emocional do desemprego. Ou seja, devido à ampliação do conceito de saúde mental, começam a surgir algumas pesquisas que superam a análise da associação entre desemprego e alterações na personalidade ou distúrbios psicológicos, passando à investigação da associação entre desemprego e uma diminuição de sentimentos positivos.

Outro aspecto que se sobressai na análise das características metodológicas da investigação psicossocial do desemprego, realizada por Garrido (1996), é que as pesquisas têm apresentado alterações na escolha da população a ser pesquisada, no que se refere ao gênero e à faixa etária. A grande maioria das pesquisas, que data da década de 1930, estudava o desemprego principalmente entre sujeitos do sexo masculino e adultos, sendo que naquela época, poucas pesquisas estudavam a situação do desemprego para mulheres e para os jovens. Atualmente se observa uma mudança considerável na escolha da população, já que as pesquisas estão contemplando as mulheres e os jovens.

É interessante observar que provavelmente o desemprego das mulheres começa a ser investigado em virtude da expansão do trabalho feminino, principalmente nas quatro últimas décadas, na grande maioria dos países. O aumento de mulheres compondo a população economicamente ativa, que ingressa no mercado de trabalho, em termos mundiais, reflete

também, em momentos de crises econômicas, que o desemprego feminino desponte como um fenômeno significativo a ser investigado.

Estudos sobre os impactos do desemprego para as pessoas desempregadas vêm sendo conduzidos por pesquisadores de vários países. Alguns estudos produzidos na Europa, E.U.A, América Latina e Brasil serão apresentados a seguir.

1. EUROPA

Estudos conduzidos em países europeus demonstram que a vivência do desemprego acarreta sérios problemas para a saúde das pessoas que estão desempregadas, assim como afeta a saúde de pessoas da família, por se tratar de um evento que causa estresse, sentimentos de depressão e redução na auto-estima.

Baseados em pesquisas cujas conclusões indicavam que mulheres cujos maridos estão desempregados e inseguros economicamente, possuem um elevado risco de experimentar eventos estressantes e suas decorrências, incluindo a redução na resposta do sistema imunológico, desencadeando infecções latentes, Catalano, Hansen e Harting (1999) realizaram um estudo buscando avaliar a influência do desemprego, vivida por homens adultos, na saúde da esposa gestante e da criança, investigando sua correlação com o nascimento de crianças de baixo peso.

Tal estudo realizado na Noruega e Suécia, entre os anos de 1973 a 1995, comprovou que há uma correlação positiva entre desemprego e aumento da incidência de nascimento de bebês com baixo peso.

A pesquisa sugere que a implantação de políticas de emprego pode colaborar em questões de promoção de saúde pública, na medida em que conclui que as decorrências do desemprego não são fatores de risco apenas para a saúde dos indivíduos desempregados. Devido a isto, aponta que o desemprego possui uma abrangência de efeitos ainda não

conhecidos pela ciência, e indica a necessidade de realização de constantes pesquisas sobre este tema.

Outra pesquisa realizada na Itália por Preti e Miotto (1999) investigou se a condição de estar desempregado está associada ao risco de suicídio. Em tal estudo se considerou a premissa de que circunstâncias financeiras adversas e o isolamento social agem como fatores de risco no suicídio. Foram estudados 20.457 registros de suicídio na população economicamente ativa, no período de 1982 a 1994, período em que aquele país passou por uma crise econômica e que também teve um aumento na taxa de suicídios. Os resultados concluem que a taxa de suicídio entre pessoas desempregadas é evidentemente maior do que entre empregados, sendo três vezes maior para pessoas do sexo masculino e duas vezes maior para o sexo feminino.

Tal pesquisa sugere que o desemprego contribui como precipitador do risco de suicídio em dois níveis: Um se relaciona à redução na disponibilidade financeira, o que causa estresse devido à redução nos recursos financeiros; e o outro se relaciona à perda da auto-estima devido ao papel social de estar empregado. Outros aspectos são levantados, na pesquisa, no sentido de discutir a magnitude das influências do desemprego para a família, na medida em que aponta que o desemprego causa a dissolução de laços familiares, levando inclusive ao divórcio. Uma outra questão analisada se refere ao fato de que a situação de desemprego leva a uma exclusão do padrão de vida que a pessoa costumava ter, assim como de seus costumes e atividades, o que, adicionado a uma falta de recursos, leva a vivência de estados depressivos, os quais aumentam o risco de suicídio.

Preti e Miotto (1999) concluem que o desemprego sempre deve ser considerado como um fator de risco para o suicídio na medida em que tem uma influência negativa na auto-estima e na autoconfiança, e também devido ao fato de que a perda da independência econômica causada pelo desemprego reduz a possibilidade de participação nas atividades sociais e de acesso a saúde, inclusive da terapêutica psicológica.

Wadsworth, Montgomery e Bartley (1999), em pesquisa realizada na Inglaterra com sujeitos abaixo de 33 anos, demonstra que uma experiência prolongada de desemprego, no início

da carreira profissional, parece ter um efeito que persiste para as condições futuras de saúde e de circunstâncias sócio econômicas. Tais resultados demonstram que pessoas que ficaram desempregadas por um longo período, no início de suas carreiras tendem a aceitar, na seqüência, empregos de menor remuneração, que oferecem menos segurança e de menor status. Além de uma depreciação no capital socioeconômico, é apontado que essas pessoas tem uma deteriorização nas condições de saúde, associadas ao hábito de fumar e a uma elevação no peso corpóreo.

Outro estudo, conduzido por Domenighet, D'Avanzo e Bisig (2000) na Suíça, teve o objetivo de investigar os efeitos da insegurança gerada pela perda do emprego, na saúde de trabalhadores empregados, adotando como indicadores de saúde o nível de estresse, auto-estima, consumo semanal ou diário de tranqüilizantes e tabagismo. Este estudo revela que o medo da perda do emprego desencadeia um efeito negativo na saúde desses empregados, já que está associado ao alto nível de estresse, à baixa auto-estima, e ao aumento no consumo de tranqüilizantes e cigarros. Esse estudo aponta para uma reflexão a respeito das transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, apoiadas na lógica neoliberal, a qual incentiva a flexibilização do mercado de trabalho e causa, portanto, cortes de benefícios trabalhistas, e aumento do desemprego, em vários países da Europa.

Estas transformações vêm causando, na população européia, um grande estresse e um aumento da ansiedade com relação à perspectiva profissional. Este estudo menciona, inclusive, uma pesquisa de opinião pública que aponta que o desemprego se transformou no principal medo da população européia.

Tal estudo faz uma pertinente discussão a respeito de que a implantação de políticas de saúde suficientes para garantir cuidados médicos para toda população, conforme adotada por muitas nações européias, não é capaz de garantir um aumento no bem estar dos indivíduos. Para que isto seja possível, concluem os autores, as políticas de saúde deveriam considerar de forma mais consistente, os fatores socioeconômicos e as relações de trabalho, na promoção da saúde

da população, incluindo, até mesmo, um questionamento sobre o .sobre o modelo econômico vigente.

Um estudo de caráter sociológico, realizado por Cattani (1986) na França, demonstrou algumas decorrências do desemprego para os trabalhadores franceses, dando ênfase às conseqüências geradas pela perda do poder aquisitivo desta população.

Ao fazer uma análise conjuntural da sociedade francesa, tal autor afirma que está emergindo, na França, uma população, que ele denomina “nova pobreza”³, composta de pessoas que não foram necessariamente socializadas em condições de pobreza, podendo ser inclusive o oposto, portadoras de um "capital intelectual", ou ter tido um "capital financeiro", mas estão desempregadas e não conseguem se inserir no mercado de trabalho. Esta impossibilidade de inserção desencadeia um processo de degradação⁴ social e econômica que gera dificuldades em assegurar sua própria sobrevivência.

Para discutir os efeitos do desemprego, o autor divide sua análise em três aspectos principais, que são: econômicos, sociais e políticos. Com relação ao aspecto econômico, Cattani (1986), destaca que os indivíduos que formam a "nova pobreza" sofrem uma perda no poder aquisitivo, o que desencadeia a privação tanto na aquisição dos produtos que lhes são necessários, quanto dos produtos que promovam a satisfação de seus desejos pessoais. A vivência destas privações gera, nos indivíduos, sentimentos emocionais negativos e causa sofrimento.

Um outro aspecto importante associado à perda do poder aquisitivo vivido pela nova pobreza, segundo Cattani (1986) é a relação desta perda com a deteriorização nas condições de saúde, já que pessoas que dispõem de menores condições financeiras são obrigadas a diminuir suas despesas com alimentação e com serviços que promovem saúde. Instaura-se, portanto, um

³ Para o autor, a "nova pobreza" se caracteriza pelo caráter aleatório da participação na vida econômica e social, pela precariedade e incerteza na obtenção de recursos para a própria sobrevivência e pela insegurança quanto ao seu futuro.

⁴ Segundo o autor, o termo degradação refere-se à idéia de "enfraquecimento gradual e contínuo, de passagem progressiva de um nível superior para um inferior" podendo ser entendida como "definidora do processo de deterioração das condições econômicas e sociais de uma parte da população" (pg. 67).

círculo vicioso no qual menor poder aquisitivo gera declínio nas condições de saúde, e menores condições de saúde dificultam uma recolocação profissional capaz de dar acesso a uma renda mais favorável.

Com relação aos aspectos sociais, Cattani (1986) destaca que a vida dos trabalhadores desempregados é marcada por uma "imobilidade", uma apatia. Apesar de terem mais tempo disponível, quando comparado com o momento em que se encontravam empregados, para desenvolverem atividades como a melhoria das condições de sua moradia, ou mesmo a realização de atividades, consideradas prazerosas, isto não acontece. Estes dados revelam que os desempregados possuem uma dificuldade em aproveitar o tempo disponível, realizando atividades construtivas para si e para as pessoas de sua convivência, vivendo portanto, um tempo ocioso e sem gratificações.

Outro dado relacionado à vida social da "nova pobreza" e que revela uma percepção negativa a respeito de cada um, de acordo como o mesmo autor, é que sua condição de desempregado gera, nesses indivíduos, um sentimento de perda de qualificação social, um sentimento de estar inferior em relação às expectativas de seus familiares e amigos, o que resulta num isolamento sobre si mesmo, já que esses diminuem sua participação em associações esportivas e culturais, em comparação ao momento em que estavam empregados, vivendo um processo de distanciamento social.

A privação econômica, o retraimento social e a dificuldade em administrar o tempo de forma útil geram nos desempregados sentimentos de culpabilidade e de frustração, capazes de causar uma deteriorização nos valores pessoais desses indivíduos, o que, segundo Cattani (1986), se manifesta nos indicadores sociais, tais como as altas taxas de crianças vitimizadas por pais desempregados, a alta incidência de alcoolismo, e a auto-violência (fraturas, doenças psicossomáticas).

Com relação ao aspecto político, indivíduos que compõem a "nova pobreza" não demonstram um interesse no engajamento político e na filiação sindical, segundo Cattani (1986),

o que demonstra que esses não buscam na política ou no movimento sindical uma alternativa viável para transformação de sua condição.

Ao analisar o sofrimento do trabalhador francês, em tempos de reestruturação produtiva, Dejourns (2000) faz algumas considerações sobre a situação do desemprego na França. Este autor faz referência ao sofrimento daqueles que estão desempregados e "excluídos das sociedade", e analisa a maneira como a sociedade francesa vem convivendo com o sofrimento dessas pessoas, concluindo que existe uma falta de reação coletiva contra o desemprego e o sofrimento por ele causado, por parte da sociedade francesa. Esta falta de reação coletiva, segundo o autor, tem suas raízes numa tendência das organizações sindicais e de esquerda, de considerarem a subjetividade do trabalhador, como algo "fictício". Esta postura determina uma atitude de desconsideração pelo sofrimento do trabalhador, que vem se acentuando principalmente nas duas últimas décadas.

Para Dejourns (2000), ocorre portanto, uma banalização diante do sofrimento dos desempregados e "excluídos", a qual o autor define como a "banalização da injustiça social", que é derivada do processo de banalização do sofrimento daqueles que continuam trabalhando em tempos de reestruturação produtiva, os quais sofrem diante dos novos modelos de produção e gerenciamento⁵, que priorizam o lucro e a organização capitalista. Esses novos modelos de gestão incentivam o enxugamento do quadro de funcionários, levando os trabalhadores a desenvolverem suas atividades constantemente ameaçados de demissão.

Essa ameaça, que pode concretizar-se em desemprego e exclusão, levam esses trabalhadores a desenvolverem sistemas de defesas coletivas para não tomarem consciência do seu sofrimento, assim como do sofrimento de seus colegas de trabalho. Esses sistemas de defesa permitem que o sofrimento seja negado, funcionando como estratégias para suportar e resistir à pressão vivida, possibilitando ao trabalhador que continue trabalhando. A negação, pelo

⁵ Segundo o autor esses novos modelos de produção e gerenciamento priorizam o enxugamento no quadro de funcionários, o que acarreta uma intensificação e aumento na duração do trabalho daqueles que continuam trabalhando. Devido a isto, os trabalhadores fazem horas extras de acordo a vontade da organização, trabalham sobre pressão e submetem-se a ritmos intensos.

trabalhador, de seu próprio sofrimento, assim como a negação do sofrimento de seus colegas de trabalho, leva, inevitavelmente, à negação do sofrimento daqueles que estão sem trabalho. Nas palavras de Dejours:

a insensibilidade ao sofrimento dos desempregados depende inevitavelmente da relação do sujeito para com seu próprio sofrimento. Eis por que a análise da tolerância ao sofrimento do desempregado e à injustiça por ele sofrida passa pela elucidação do sofrimento no trabalho. Ou dito de outra maneira, a impossibilidade de exprimir e elaborar o sofrimento no trabalho constitui importante obstáculo ao reconhecimento do sofrimento dos que estão sem trabalho.(Dejours, 2000, p. 46).

2. ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA LATINA

Pesquisas conduzidas nos EUA e na América Latina demonstram que a condição do desemprego gera o aumento na incidência do alcoolismo, como também sentimentos negativos relacionados à depressão, baixa auto-estima e distúrbios psicopatológicos.

Em pesquisa realizada por Lejoux, Boulenguez e Fichelle (2000), em um hospital psiquiátrico dos EUA, com o objetivo de analisar os fatores relacionados às internações de emergência de pacientes dependentes de álcool, foi constatado que mais da metade eram do sexo masculino e que metade desses pacientes estavam desempregados. O estudo conclui que a taxa de pacientes dependentes de álcool entre desempregados é maior do que entre pacientes que apresentam outras desordens psicológicas, tais como transtornos de ansiedade ou depressão.

Também nos EUA, Brenner e Mooney citados por Silva (2000), ao investigarem os efeitos do desemprego para a saúde mental, mediante a realização de estudos longitudinais com desempregados, demonstraram uma correlação entre o aumento nas taxas de desemprego com o aumento nas taxas de suicídios, homicídios e primeiras internações psiquiátricas.

No Chile, Lira e Weinstein, também citados por Silva (2000), ao realizarem o acompanhamento psicológico com desempregados, demonstraram que a vivência prolongada do desemprego pode acarretar o isolamento social, a perda de sentido existencial e, em casos mais

graves, no desenvolvimento de quadros psicóticos. Verificaram, também, que o desemprego gera frustração e revolta nos desempregados, sentimentos que, na impossibilidade de serem canalizados para formas organizadas de combate às reais causas do desemprego, uma vez que o contexto político impede, são deslocados no sentido de gerar atos delinqüenciais, conflitos familiares e auto-agressão.

O desemprego, considerado como a falta de uma ocupação remunerada estável, tem sido considerado um dos maiores problemas endêmicos que acomete EL Salvador, de acordo com Baró (1998). Segundo cálculos oficiais, o desemprego atingia 33,6% da população economicamente ativa, em meados da segunda metade da década 1980, sendo que, portanto 3 em cada 10 salvadorenhos se encontravam desempregados. O autor se refere a algumas conseqüências do desemprego identificando: a emergência de uma crise econômica que acarreta problemas para toda a família; a possibilidade de perda de sua identificação grupal e processos depressivos e uma crise profunda a qual pode levar o desempregado a reduzir suas aspirações e a aceitar propostas de trabalho, consideradas imorais e humilhantes, para garantir seu reingresso no mercado de trabalho. Tal situação pode, segundo a leitura do autor, propiciar o ingresso dessas pessoas na criminalidade, como uma forma de adquirir meios para sobreviver. Ou pode levar por outro lado a uma postura de subserviência, a qual os faz respeitar uma legalidade que os marginaliza e desampara, assim não menos nociva, que a própria criminalidade.

Fazendo uma análise crítica da realidade Salvadorenha, o autor aponta que devido às dificuldades do mercado de trabalho, a população realiza "bicos", condição de trabalho precária, cuja vivência marginalizante tem despertado, nessa população, uma aspiração: a de voltar a ser proletário. Neste sentido, segundo análise do autor, a maioria da população de tal país, tem sido historicamente explorado, oprimida e negligenciada.

3. BRASIL

As conseqüências da situação do desemprego para a vida das pessoas desempregadas têm sido investigadas também por pesquisadores brasileiros. Essas pesquisas demonstram que, de forma geral, o desemprego acarreta sofrimento para a vida dos trabalhadores desempregados, como estresse, sentimentos considerados negativos, responsabilização pela sua situação do desemprego, perda da perspectiva de futuro.

Ao fazer uma discussão sobre crise econômica, desemprego e condições psicopatológicas, Seligmam Silva (2000), afirma que, nos momentos de crise econômica e aumento do desemprego, ocorre um agravamento dos elementos identificados na gênese do sofrimento mental dos trabalhadores, na medida em que as empresas buscam no *sobretabalho*, nas restrições das despesas com pessoal e com os equipamentos de trabalho e de proteção, e no aumento da produtividade, como alternativas de enfrentamento da crise. Esse processo acontece da seguinte forma: seguintes fatores: acúmulo de várias funções já que não há substituição dos trabalhadores demitidos, causando aumento da fadiga daqueles que estão trabalhando; aumento da jornada de trabalho; exigência de ritmo mais intensivo de trabalho; redução na frequência de pausas e redução das despesas com equipamentos de proteção, causando uma maior suscetibilidade a acidentes.

A remuneração dos trabalhadores submetidos a essas estratégias competitivas, adotadas pelas organizações em momentos de crises econômicas, conforme salienta a autora, sofre uma diminuição, devido à compressão dos salários. Tal redução, acompanhada por um aumento do custo de vida, acarreta uma deteriorização da qualidade de vida dos assalariados, nos seus variados aspectos, tais como: condições de moradia, alimentação, transporte, educação e lazer. Uma outra decorrência, associada à diminuição da remuneração recebida pelos trabalhadores submetidos a essas estratégias, se refere à busca, por parte desses trabalhadores, de rendimentos adicionais, mediante a realização de "bicos", com o objetivo de garantir a subsistência pessoal e familiar.

A submissão dos funcionários a estas condições de sobrecarga de trabalho e de deteriorização dos salários é, muitas vezes, alcançada, mediante a utilização, pelas empresas, de medidas coercitivas, como as ameaças de demissão ou punições de natureza econômica e moral, o que gera medo nos trabalhadores.

Tal situação ocorre devido ao fato de que em épocas de grande desemprego, os trabalhadores que continuam trabalhando perdem o seu poder de negociação por melhores condições de trabalho, diante das empresas, na medida em que há um aumento na mão de obra excedente no mercado de trabalho, o que permite às organizações considerarem os trabalhadores descartáveis.

Delgado, citado por Silva (2000), faz uma relação entre desemprego e a evolução de doenças psiquiátricas, ao constatar uma relação entre o fechamento da maior indústria numa localidade do Rio de Janeiro, e a expansão do serviço psiquiátrico ligado à Previdência Social, e ao aumento de pedidos do benefício por "incapacidade laborativa" por pessoas desempregados. O autor faz uma análise que a inexistência de auxílio desemprego se torna um fator significativo para o desencadeamento e evolução de aspectos psicopatológicos, os quais têm suas causas em vivência de extremo desamparo social. Além disso, a busca do benefício por "incapacidade laborativa" pode significar uma estratégia, utilizada pelo trabalhador desempregado, para conseguir obter recursos financeiros para sobreviver, diante da constatação de sua impossibilidade de conseguir um novo emprego.

Brasileiro (2000) investigou o significado da perda do emprego para trabalhadores desempregados na Paraíba, e constatou que, de forma predominante, a perda do emprego está associada a sentimentos negativos, de natureza "afetivo emocional", como tristeza, angústia, frustração e o distanciamento social. A perda do emprego é sentida, também, como ameaçadora, no que se refere à própria condição de sobrevivência material. Essa pesquisa demonstrou também que, entre os 100 sujeitos pesquisados, 94% possuíam um elevado nível de estresse,

enquanto que apenas 6% apresentaram um nível de estresse tolerável, de acordo com a Escala de Estresse Percebido.⁶

Também no Brasil, Furtado (1999), identifica que, até o início da década de 1990, os trabalhadores metalúrgicos representavam seu trabalho de modo a projetar perceptivas futuras de uma carreira e não temiam o desemprego. No entanto, segundo o autor, com o desemprego dos últimos cinco anos, que destruiu milhares de postos de trabalho dessa categoria profissional, os metalúrgicos desempregados perderam a confiança num futuro promissor dentro desta carreira, ao mesmo tempo em que não conseguem se dissociar do papel de metalúrgico.

O desemprego causa um processo de adoecimento do trabalhador acontece pela falta de compreensão do processo que está vivendo, porque a explicação dominante personaliza, no próprio trabalhador, a causa do desemprego, levando-o a se sentir incompetente, desatualizado e descartável. Tal adoecimento se apresenta principalmente na forma de quadros depressivos, o que gera no trabalhador a "paralisia" (a vergonha de sair de casa, vergonha do estigma de vagabundo). Com este processo instalado, um recurso típico utilizado é a ingestão de álcool, acarretando um outro problema - o alcoolismo. O autor destaca o *Programa Integrar*⁷ como uma alternativa no qual o trabalhador tem a possibilidade de re-configurar suas representações sobre seu desemprego, escapar do processo auto-destrutivo e resgatar seu papel de sujeito de sua história.

Kilimnk (1998) realizou um estudo em Belo Horizonte, com o objetivo de pesquisar as vivências de psicólogos que atuavam com Recursos Humanos, diante da perda de seu emprego formal, e verificar como foram as suas trajetórias de carreira após a demissão.

Os resultados deste estudo indicam que tais profissionais foram demitidos devido ao processo de reestruturação das empresas nas quais trabalhavam, o que acarretou em diminuição no quadro de pessoal. A demissão ocorreu sem uma preparação prévia para tal, mas não foi

⁶ No estudo citado, Brasileiro (2000) não especifica dados a respeito da Escala de Estresse Percebido.

⁷ Segundo Furtado (1999), o Programa Integrar oferece cursos de qualificação profissional, promove discussões sobre a reestruturação produtiva e sobre alternativas para o desemprego, além de reflexões sobre a crise pessoal de trabalhadores desempregados.

surpresa para estes profissionais, já que demissões estavam ocorrendo em vários setores das empresas. Para alguns, foi oferecida a possibilidade de continuarem trabalhando para as antigas empresas como profissionais liberais, o que efetivamente ocorreu em poucos casos, pois as empresas preferiam contratar firmas mais consolidadas no mercado de trabalho.

Dentre os impactos psicológicos relatados pelos entrevistados diante da situação do desemprego, estão a ansiedade, a insegurança e o desânimo. No entanto, de acordo com Kilimnk (1998), tais estados emocionais não configuraram uma situação tão dramática devido à própria experiência dos psicólogos em lidar com tal sofrimento e também pelo fato de que a demissão, tendo ocorrido em todos os níveis da empresa, não acarretou um sentimento de incompetência e injustiça nestes.

Ao investigar sobre a comparação entre a situação do emprego anterior e a situação atual de profissional liberal, utilizando-se dos conceitos de variáveis de contexto e de conteúdo, Kilimnk (1998) constatou duas vertentes de resultados. No que se refere às variáveis de conteúdo definidos como variedade de habilidades desenvolvidas, identidade com o trabalho, e percepção do significado do trabalho, a pesquisadora conclui que as condições do profissional liberais melhoraram sensivelmente, apenas a diminuição do relacionamento interpessoal, já que o profissional liberal trabalha de forma mais isolada, é sentida como um problema.

No entanto, no que se refere às habilidades de contexto, definidas como possibilidade de investimento e crescimento profissional, estabilidade profissional e em relação aos salários e benefícios recebidos, a pesquisadora conclui que ocorre uma deteriorização, já que os ganhos e recebimentos são irregulares, gerando uma situação de insegurança e desconforto diante de tal situação, apesar de apreciarem o seu trabalho. Muitos dos entrevistados admitem que seu padrão de vida caiu consideravelmente, o que gera um desejo de reingresso no mercado formal.

Em sua pesquisa sobre a percepção dos metalúrgicos acerca das transformações do mercado de trabalho e qualificação profissional, Barbara (1999) discute o fenômeno do desemprego na atualidade, apresentando as transformações que vêm ocorrendo nos sistemas produtivos e o conseqüente desemprego estrutural.

A investigação dos aspectos psicológicos decorrentes do desemprego para os trabalhadores desempregados permitiu, à pesquisadora, sistematizar três categorias demonstrativas, para descrever os estados internos dessas pessoas: a vergonha, o sentimento de exclusão da sociedade, e o sentimento de desamparo. O sentimento de vergonha está associado ao sentimento de inferioridade, na medida em que aqueles que se encontram na condição de desempregados se comparam com outros colegas que continuam trabalhando e comprando objetos necessários para sua manutenção. O sentimento de exclusão se relaciona à sensação de perder o reconhecimento social diante dos colegas. A sensação de desamparo está associada à de inanição, isto é, de impotência diante da situação da situação do desemprego.

Fazendo uma extensa revisão bibliográfica sobre os efeitos do desemprego na vida das pessoas, Caldas (1999) realiza uma sistematização desses efeitos, segundo os aspectos citados abaixo:

1) Ansiedade; 2) Estresse; 3) Depressão e Perda da esperança; 4) Distúrbios psiquiátricos; 5) Suicídio e parassuicídio; 6) Auto-agressão; 7) Insegurança; 8) Queda na auto-estima; 9) Queda no nível de felicidade e de satisfação com a própria vida; 10) Perda da noção de identidade; 11) Deterioração da saúde física; 12) Alteração nos sistemas cardiovascular, imunológico, gastrointestinal e bioquímico; 13) Problemas de estruturação do tempo; 14) Desorganização da vida diária; 15) Apatia / Inércia / Falta de estímulo; 16) Mudança nos hábitos alimentares; 17) Abuso do álcool / drogas / demais substâncias; 18) Deterioração da vida familiar (divórcio / abandono do lar / violência doméstica); 19) Impacto nas crianças; 20) Queda de renda; 21) Perda de poder aquisitivo; 22) Privação econômica; 23) Declínio da participação em atividades sociais; e 24) Aumento na propensão a anomalias sociais (internações em hospitais, manicômios, criminalidade e deterioração dos valores pessoais).

A partir de sua revisão bibliográfica, Caldas (1999) faz uma reflexão sobre a inexistência de uma uniformidade dos elementos que compõem a experiência da situação do desemprego entre as pessoas desempregadas. O autor afirma que as pessoas desempregadas sofrem o impacto do desemprego, o avaliam subjetivamente e reagem a ele de diferentes maneiras,

dependendo de condições distintas e complexas que variam desde o tipo de personalidade (valores, estrutura emocional), experiências anteriores de vida, até características do contexto de vida no momento do desemprego. A esses elementos que funcionam de forma a atenuar ou agravar os impactos do desemprego na vida dos trabalhadores, Caldas (1999) atribui a denominação de elementos moderadores do desemprego.

Os moderadores mais citados na literatura, segundo tal autor, são: 1) Personalidade; 2) Idade; 3) Sexo; 4) Reserva Financeira; 5) Classe social; 6) Condição familiar pré-existente; 7) Nível de centralidade do emprego na vida do indivíduo; 8) Percepção de reversibilidade do desemprego; 9) Percepção de tratamento justo/digno no desligamento; 10) Conjuntura econômica; 11) Nível de desemprego do país; 12) Apoio social e Familiar; 13) Valor cultural e socialmente atribuído ao emprego ou a sua perda; 14) Experiência anterior com perda de emprego; 15) Nível hierárquico; 16) Nível de ligação ao ex-emprego; 17) Amplitude de habilidades; 18) Empregabilidade; 19) Tipo de desligamento ou corte; 20) Aviso antecipado; 21) Informação das razões do desligamento (*feedback*); 22) Indenização / Re-treinamento / *Outplacement*; 23) Duração do desemprego; e 24) Ocupação do tempo durante a transição.

A revisão bibliográfica sobre os efeitos do desemprego permite identificar que, de maneira geral, a situação do desemprego gera problemas não somente para a pessoa desempregada, mas também para sua família e para a sociedade como um todo. A experiência das pessoas desempregadas em Florianópolis é o tema que será discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

A VIVÊNCIA DE PESSOAS DESEMPREGADAS EM FLORIANÓPOLIS

"A dor da gente não sai no jornal"
Chico Buarque

O presente capítulo tem como propósito apresentar e, ao mesmo tempo, analisar os resultados da investigação desenvolvida acerca da experiência de pessoas desempregadas na cidade de Florianópolis. Antes de fazê-lo, porém, é necessário disponibilizar os elementos constitutivos da metodologia concernente à respectiva pesquisa.

1. METODOLOGIA

Tendo em vista que o objetivo dessa dissertação é caracterizar a vivência das pessoas que se encontram desempregadas, serão analisados e discutidos dados obtidos a partir dos relatos de pessoas que se encontram nesta condição. A importância, para a pesquisadora, de contemplar uma análise dos relatos de pessoas que se encontram desempregadas advém do entendimento que, para se conhecer as condições que geram determinadas experiências e sentimentos, assim como a forma como são vivenciadas e os significados que são atribuídos a estas experiências, apenas o estudo de pesquisas não é suficiente. Faz-se necessário que se compreenda tal experiência a partir da forma como as próprias pessoas relatam tais vivências e significados.

Neste sentido compreende-se que para analisar a complexidade da vivência (múltiplos significados vividos na situação do desemprego) dos desempregados entrevistados, é preciso

adotar uma perspectiva metodológica qualitativa, já que esta possibilita um resultado mais analítico do que a verificação estatística (quantitativa) dos fenômenos. Para isto foram realizadas entrevistas individuais com pessoas que se encontram desempregadas.

1.1. A pesquisa de campo

1.1.1. Caracterização da Instituição

As entrevistas foram realizadas no SINE - Sistema Nacional de Empregos, Florianópolis - SC, instituição que desenvolve um sistema de captação de vagas para o emprego nas organizações de trabalho, assim como também sua contrapartida, isto é, o cadastramento e encaminhamento dos trabalhadores que buscam inserção no mercado de trabalho.

Tal instituição foi escolhida para a realização das entrevistas justamente por receber um grande número diário de trabalhadores, os quais estão à procura de vagas de emprego. Para que uma pessoa se cadastre no SINE, existe um requisito: possuir previamente a carteira profissional.

Todas as entrevistas desta pesquisa foram realizadas em uma das salas de reuniões do SINE, a qual possuía adequadas condições ambientais e de sigilo.

1.1.2. O processo de escolha dos participantes da pesquisa

Os participantes foram todos escolhidos de forma aleatória dentre aquelas pessoas que estavam desempregadas e que recorreram ao SINE com o objetivo de buscar vagas para um emprego. A pesquisadora abordou os possíveis participantes, para checar a disponibilidade de participação na pesquisa, no momento em que estes já haviam terminado de preencher o cadastro para vagas de emprego. Tal forma de abordagem se justifica, pois não interferiria no momento do cadastro e, portanto, evitando qualquer prejuízo para o participante ou para a

instituição. Não houve nenhum tipo de seleção por sexo, idade ou qualquer outra característica. Todos os participantes foram abordados individualmente.

Ao abordar os possíveis participantes, a pesquisadora se identificava como mestranda do programa de pós-graduação de Psicologia da UFSC, explicava sobre o tema da pesquisa, e consultava sobre a disponibilidade para a participação. Imediatamente, era explicada ao possível participante a desvinculação entre esta pesquisa e o trabalho desenvolvido no SINE, destacando que não existiria nenhum tipo de benefício ou prejuízo para tal pessoa que realizasse a entrevista. Caso ela optasse por participar, ou não, da entrevista, isto não teria qualquer consequência com relação ao acesso às vagas de emprego.

Em seguida, os participantes eram informados que a entrevista seria realizada em uma sala reservada, na qual haveria condições de diálogo, privacidade e sigilo das informações. Foram informados, também, que os resultados obtidos pelas várias entrevistas realizadas seriam publicados numa dissertação de mestrado, mas que o anonimato seria garantido.

Dentre as 16 pessoas questionadas, 13 aceitaram participar da entrevista. Na medida em que a resposta era afirmativa, a pesquisadora acompanhava o participante até a sala de reuniões do SINE, procurando, já no trajeto, criar um clima favorável para a interação com os entrevistados.

Ao chegar na sala, a pesquisadora explicava, com maior detalhe, sobre os aspectos a serem abordados durante a entrevista, lia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido juntamente com o participante, colocava-se disponível para esclarecer quaisquer dúvidas, e solicitava aos participantes que assinassem o documento. A permissão para gravar as entrevistas foi solicitada a todos os participantes, assim como foi ressaltado que seus verdadeiros nomes não seriam identificados, novamente garantido o anonimato das informações.

1.1.3. Descrição dos participantes

Os participantes da pesquisa eram todos pessoas desempregadas e que se encontravam na busca de emprego. Dos 13 entrevistados, 10 eram do sexo masculino e 3 do sexo feminino. A

faixa etária variava entre 18 e 51 anos. Encontravam-se desempregados por um período que variava entre 1 mês e 2 anos. Serão referidos neste estudo por letras.

A.: Sexo masculino, natural de Florianópolis, com 51 anos, divorciado do primeiro casamento e separado do segundo, com 3 filhos não dependentes. Coursou o primeiro grau completo. Já trabalhou como servente, gerente de compras, motorista e vendedor. Estava desempregado há 3 meses;

B.: Sexo masculino, natural de Palhoça, com 33 anos, casado, com 2 filhos dependentes. Coursou o segundo grau completo. Já trabalhou no setor de compras, pinturas e motorista. Estava desempregado há 1 mês;

C.: Sexo masculino, natural do interior do Rio Grande do Sul, com 24 anos, solteiro, sem filhos, nem dependentes. Coursou o terceiro grau completo. Trabalhou como vendedor e na área de marketing de produtos. Estava desempregado há 3 meses;

D.: Sexo masculino, natural de Florianópolis, com 34 anos, casado e com um filho dependente. Coursou o primeiro grau incompleto. Já trabalhou com vendas, e como segurança privado. Estava desempregado há 8 meses.

E.: Sexo masculino, natural do interior da Bahia, com 31 anos, casado, com 1 filho dependente. Coursou segundo grau completo. Já trabalhou com instalação de equipamentos, como músico. Estava desempregado há 1 ano

F.: Sexo feminino, natural de São Paulo, com 40 anos, solteira, sem filhos. Coursou segundo grau completo. Sempre trabalhou na área de contabilidade. Estava desempregada há 1 mês;

G.: Sexo masculino, natural de Florianópolis, com 25 anos, casado, com 2 filhos dependentes. Coursou o primeiro grau incompleto. Já trabalhou na construção civil, copeiro e balconista. Estava desempregado há 5 meses;

H.: Sexo feminino, natural de Tubarão, com 33 anos, casada, com 1 filho dependente. Coursou o primeiro grau completo. Já trabalhou como faxineira e em serviços gerais. Estava desempregada há 4 meses;

I.: Sexo feminino, natural de Florianópolis, com 37 anos, solteira, sem filhos. Coursou o segundo grau completo. Já trabalhou como atendente e com contabilidade. Estava desempregada há 2 anos;

J.: Sexo masculino, natural de Curitiba, com 18 anos, solteiro, sem filhos. Estava cursando o segundo grau. Já trabalhou como vendedor. Estava desempregado há 4 meses;

L.: Sexo masculino, natural de Florianópolis, com 20 anos, solteiro, sem filhos. Estava cursando o segundo grau. Já trabalhou de *Office boy*. Estava desempregado há 2 meses;

M.: Sexo masculino, natural de Florianópolis, com 34 anos, noivo, sem filhos. Coursou segundo grau completo. Sempre trabalhou na área de contabilidade. Estava desempregado há 10 meses;

N.: Sexo masculino, natural de Laguna, com 25 anos, solteiro, sem filhos. Coursou o segundo grau completo. Já trabalhou como segurança e como vendedor. Estava desempregado há 1 ano.

1.2. Transcrição das entrevistas

Todas as entrevistas foram transcritas pela própria pesquisadora. A escuta de todas as entrevistas, bem como suas transcrições foram realizadas e conferidas várias vezes, com o objetivo de tornar a transcrição o mais fidedigna possível e de perceber e interpretar os sentimentos, manifestos em pausas, choro, alteração de tom e volume da voz.

1.3. Procedimentos de análise e interpretação

Os relatos dos participantes foram analisados e sistematizados em treze características da vivência. Esta sistematização permite responder a pergunta de pesquisa proposta pelo presente estudo.

1.4. Consulta bibliográfica local

Para buscar uma compreensão a respeito da temática que envolve esta pesquisa, no que se refere à compreensão do trabalho humano, mercado de trabalho e fenômeno do desemprego, assim como os impactos do desemprego para saúde e para a vida das pessoas, foram realizadas pesquisas bibliográficas nos acervos das bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC), do Sindicato dos bancários de Florianópolis e da Unitrabalho.

1.5. Consulta bibliográfica em base de dados

Foram realizadas, também, consultas em diversas bases de dados, com o objetivo de buscar literatura a respeito do fenômeno do desemprego e de suas conseqüências. Foram consultadas: 1) PSYCINFO, presente na base de dados do *OVID Technologies*; 2) SCIELLO; 3) MEDLINE e 4) LILLACS. Para realizar esta busca, foram usados como descritores as palavras desemprego (*unemployment*), assim como a combinação deste descritor com outros descritores, tais como condições sociais (*social conditions*); saúde (*health*), saúde mental (*mental health*); condições sócio-econômicas (*social economics conditions*); psicossociais (*psyco-socials*) condições de trabalho (*work conditions*) emprego e desemprego (*employment and unemployment*);

As consultas realizadas nessas bases de dados resultaram na aquisição de vários artigos relevantes que compõem a revisão bibliográfica dessa dissertação.

2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

2.1. Características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas

Para atingir o objetivo deste estudo, *as características da vivência das pessoas que se encontram desempregadas* foram sistematizadas, a partir da análise dos relatos dos participantes desta pesquisa, nas características a seguir: 1) A busca incessante pelo emprego: será uma ocupação?; 2) O desemprego interfere no dia e na noite do desempregado; 3) A responsabilidade pelo desemprego; 4) A possibilidade da transgressão às normas sociais a partir da impossibilidade de satisfação de necessidades básicas; 5) A família: de provedora à necessidade de ser provida; 6) Queda no padrão de consumo; 7) Não me falta nada, só decidir sobre minha própria vida; 8) Distanciamento social; 9) Desemprego: falta da atividade ou do salário? 10) Os sentimentos diante da situação do desemprego; 11) A desconsideração pelo desempregado; 12) Precisamos ter esperança!; 13) O desemprego dificulta o planejamento da vida futura.

A classificação das características citadas compreende uma forma didática de exposição. É importante ressaltar que não se tratam de características isoladas, mas sim, complementares entre si.

2.1.1. A busca incessante pelo emprego: será uma ocupação?

A condição de desempregado não se caracteriza por estar com o tempo livre e não significa, portanto, que os trabalhadores desempregados estejam desocupados, mas sim que utilizam seu tempo na busca pelo emprego, com um grande número de tarefas, quase como se estivessem cumprindo suas obrigações com alguma organização de trabalho.

Essas tarefas se relacionam com a busca contínua de informações sobre vagas de emprego em jornais, rádio e com pessoas conhecidas. Estão relacionadas ao fato de tais trabalhadores se dirigirem constantemente às próprias organizações perguntando por alguma vaga de emprego, entregando *Curriculum Vitae* e pedindo para preencher fichas, independentemente de algum anúncio prévio, como também recorrerem freqüentemente às instituições que fazem encaminhamentos para vagas de empregos. Isto se expressa nos relatos abaixo.⁸

Tanto é que volta e meia eu venho aqui no SINE. Estava pensando em trabalhar de vigilante, até eu estava perguntando para o rapaz, que eu estava conversando para ver como é que faz para eu arrumar uma vaga, tem que fazer um cursinho. Eu fico prestando atenção naquele programa do rádio que anuncia emprego, mas só tem emprego para doméstica. Tanto curriculum que eu já deixei, e não tive nenhum resultado positivo. (M. 34 anos, desempregado há 10 meses).⁹

É importante ressaltar, a partir do relato de M. que para o desempregado, atuar em funções diferentes daquelas que sempre exerceu, diante da necessidade e da possibilidade de conquista de um novo emprego, passa a ser um problema secundário.

A execução de tais tarefas exige dos trabalhadores desempregados, disciplina, planejamento, organização, dispêndio e administração do tempo, que pode ser equiparado à execução de tarefas para uma organização de trabalho.

O participante A., ao relatar sua busca pelo emprego, diz que procura organizar o seu dia para uma boa utilização de seu tempo, para visitar várias empresas. Seu relato denota o empenho de um trabalhador de 51 anos:

⁸ Para a transcrição dos relatos dos participantes optou-se por um método de utilização de versão sintática e gramaticalmente corretas, com a preservação do estilo e da fluência coloquial.

⁹ M. sempre trabalhou em escritórios, exercendo funções relacionadas à contabilidade e parte administrativa

Pior ainda é correr atrás de emprego, faz ficha, faz ficha. Saio as seis horas de casa, procurando emprego. Fico sem almoçar, sem jantar e vou embora. Hoje peguei 2 ônibus, preenchi uma ficha no Comper, agora estou esperando abrir aqui, saio daqui e vou para outra. Saio para procurar emprego cedo, relógio desperta, tento ter uma rotina, como se eu trabalhasse, sem me acomodar. (A, 51 anos, desempregado há 3 meses)

O participante E. descreve sua rotina da mesma forma. É importante verificar que, nos dois relatos, o tempo a ser despendido com necessidades fundamentais, como almoço e a janta, é preenchido pela necessidade que parece ser prioridade, ou seja, conquistar um emprego, para que a alimentação, assim como todas as suas outras necessidades, possam ser satisfeitas.

Acordo cedo e saio para procurar emprego, tenho ficha em tudo quanto é lugar. Eu vivo procurando emprego, eu saio procurando quase todo dia. As vezes fico sem almoçar no centro procurando serviço. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano).

A busca pelo emprego envolve uma outra tarefa que também ocupa o tempo dos desempregados: enfrentar filas compostas por um grande número de pessoas. O participante A. descreve as filas que os desempregados tem que enfrentar para conseguirem preencher as fichas de empregos. Sua afirmação denota o tempo que o trabalhador despende para ter acesso às fichas de emprego.

Fui num hotel para preencher ficha e quando cheguei, na minha frente tinha uns 20, e quando eu saí, já tinha uns cem, já dobrava a esquina da Gama Deça, ia até o Ceisa Center. Era tanto gente que a dificuldade é grande. E o pior é que tem muitos aí na mesma situação. (A. 51 anos, desempregado há 3 meses)

Nos relatos de A. e C. se verifica que o tempo despendido nas filas os fazem se deparar com o grande número de concorrentes à mesma vaga de emprego, fato que para C., desencadeia um sentimento de desespero.

Fui numa outra entrevista ontem a tarde, uma fila que dobrava o quarteirão, e as pessoas já vão concorrer destruídas. Então ter que ser fortes ! É claro que tem um lado dentro de nós que entra em desespero. (C. 24 anos, desempregado há 3 meses)

O participante N. relata que, ao saber de uma vaga em uma função que já tinha exercido - vigilante, se dirigiu à empresa na expectativa de conseguí-la. Ao chegar na empresa, se deparou com o fato de o número de pessoas na fila ser maior do que o numero de fichas a serem distribuídas.

Hoje mesmo antes de vir aqui, passei numa empresa de vigilância para preencher ficha, que eu já fui vigilante de bar. Eles iam distribuir 20 fichas, mas quando eu cheguei lá, tinha 45 pessoas na minha frente, dei meia volta e fui embora. (N.25 anos, desempregado há 1 ano)

Esta situação denota mais um fator de dispêndio de tempo do desempregado. No caso de N., o tempo dispensado foi inútil para alcançar o objetivo de sua tarefa: o de preenchimento da ficha. A participante I também relata a perda de seu tempo. No caso dela, o dispêndio de tempo a levou mais próximo do emprego, mas os requisitos experiência e domínio da informática foram decisivos para que o tempo fosse perdido.

Há dois anos eu venho fazendo fichas e mais ficha, eu procuro sempre no jornal, principalmente de domingo. Eu já vim no SINE várias vezes. Muitas vezes eles dão o encaminhamento, mas a gente chega lá e não serve para a

vaga. A semana passada mesmo, eu saí daqui com um encaminhamento na mão, para uma vaga que exigia informática e experiência em caixa. Eu cheguei lá, e disseram que não adiantava, porque eu nunca tinha trabalhado como caixa. Informática, eu conheço o básico. Começa tudo de novo. (I. 37 anos, desempregada há 2 anos)

Estar desempregado, portanto, não significa estar com tempo livre, mas sim continuar tendo tarefas que ocupam o tempo da pessoa desempregada. O relato dos participantes mostra que eles ocupam grande parte de seu tempo realizando varias tarefas na busca incessante pelo emprego.

Esses resultados denotam que os participantes desta pesquisa demonstram um grande interesse em se inserirem novamente no mercado de trabalho.

Ao fazer uma análise do crescente desemprego e da situação do desempregado na França, Forrester (1997) comenta, com indignação, o cotidiano dos trabalhadores franceses, que se encontram desempregados, na busca cotidiana pelo emprego.

Desse modo, continuamos com rotinas bem estranhas! Não se sabe se é cômico ou sinistro, por ocasião de uma perpétua, irremovível e crescente penúria de empregos, impor a cada um dos milhões de desempregados - e isso a cada dia útil de cada semana, de cada mês, de cada ano - a procura efetiva e permanente desse trabalho que não existe. Obrigá-lo a passar horas, durante dias, semanas, meses, anos se oferecendo (...) em vão, barrado previamente pelas estatísticas. Pois afinal, ser recusado cada dia útil de cada semana, de cada mês, e às vezes de cada ano, será que isto constituiria um emprego, um ofício, uma profissão? Seria isso uma colocação, um job, ou mesmo uma aprendizagem? Seria um destino plausível? (...) Uma forma recomendável de emprego do tempo?" (p. 14)

O comentário da autora é muito interessante, pois, além de mostrar as semelhanças do problema do desemprego (guardadas as devidas proporções, tendo em vista que o amparo social oficial na França é diferente do Brasil), no que diz respeito à penúria da busca pelo emprego, como é relatado pelos participantes da presente pesquisa, também chama a atenção para uma questão fundamental: Este emprego será encontrado?

2.1.2. O desemprego interfere no dia e na noite do desempregado

Os trabalhadores desempregados se ocupam com o desemprego, mesmo nos momentos em que se encontram desenvolvendo outras atividades diárias, que não a busca pelo emprego. Eles relatam dificuldades de se concentrarem em outras atividades e de despenderem atenção para as pessoas da família, porque não conseguem esquecer os pensamentos decorrentes do desemprego, assim como da expectativa de ser requisitado para uma vaga. Assim, o dia deles parece ser consumido pelas preocupações causadas pelo desemprego e pelas expectativas de um novo emprego, como se não houvesse descanso, nem possibilidade de relaxar.

O participante B. relata que a preocupação com o desemprego afeta sua relação com seus familiares, em especial com sua esposa, já que consegue apenas se concentrar na conquista de um novo emprego.

Muda tudo, muda a relação com a esposa, você não consegue dar mais atenção para ela. Ela conversa com você, você já não responde, você fica com a cabeça em outro lugar, imaginando aonde que eu vou arrumar serviço, o que é que eu vou fazer, e quando, pois a gente fica sem rumo. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês)

A expectativa de um novo emprego e a dimensão de quanto e como ela afeta a atenção e concentração do desempregado é relatada por D.:

Eu tenho um celular, que andava comigo, mas agora eu deixo com minha mulher em casa, porque eu ficava olhando o tempo todo para ver se alguém tinha me ligado. Tocava um celular na rua, eu já achava que era o meu, parecia uma loucura, toda hora olhando para o celular, para quem sabe, ser alguém me chamando para um emprego. E quando eu via que ninguém tinha me ligado eu ficava decepcionado, dava até uma agonia. Hoje eu nem

trago mais comigo, que é para nem esperar. (D. 34 anos, desempregado há 8 meses)

O relato de outro participante, M., mostra o alto nível de preocupação como também a grande expectativa por um novo emprego.

Eu fico pensando nisso, esperando que alguém me ligue dizendo que tem uma vaga para mim. Eu fico com isso vinte e quatro horas do dia na cabeça, esperando que alguém me ligue, algum amigo, que surgiu alguma coisa para eu fazer. (M. 34 anos, desempregado há 10 meses)

As noites e as horas de sono também podem sofrer alterações por conta da situação do desemprego. Os relatos de A., B. e C., mostram esta situação de forma clara e contundente.

No caso de A. as preocupações com as contas e com a organização do dia seguinte afetam o sono.

Para dormir, minha cabeça não para. Fico fazendo conta, pensando aonde eu vou no dia seguinte, fazendo uma agenda, então vou dormir as três horas, três e meia. (A. 51 anos, desempregado há 3 meses)

A incerteza sobre como conduzir o seu dia seguinte, devido ao fato de estar desempregado e, portanto, sem o exercício de uma função, afeta o sono do participante B.

Eu custo a dormir, em cada noite eu durmo mesmo umas duas horas, pois fico toda hora acordando e pensando. Abriu o olho e você já vai pensando no que você vai fazer. Não é acordar no dia seguinte, por sua roupinha para ir trabalhar. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês)

A preocupação com o emprego se manifesta durante o sono de C., que no seu caso, substitui a atitude de acordar cedo para trabalhar, pela atitude de acordar cedo com o objetivo de buscar o emprego.

Acordo de madrugada, não consigo dormir, viro de uma lado para outro, pois começo, parece que eu me atrasei no horário – hoje de manhã vim para o centro cinco e meia da manhã a procura de alguma coisa, um anúncio. (C. 24 anos, desempregado há 3 meses)

Além de provocar alterações na rotina dos participantes, naquilo que poderia ser considerado como uma rotina a ser mantida, como garantir as horas necessárias de sono, outros hábitos também são alterados. O aumento no consumo de cigarros e na quantidade diária de alimentos ingeridos, são relatados por alguns participantes. Tais atitudes são associadas, pelos participantes, ao sentimento de ansiedade. Os relatos de A. e B. demonstram este fato.

Sim, por exemplo, eu fumava Carlton, agora fumo o mais barato, e tenho fumado mais, antes era um, agora é um maço e meio por dia. É aquela ansiedade, né, se fica assim, nervoso. (A 51 anos, desempregado há 3 meses)

Tenho comido mais, fico em casa naquela agonia. Almoça, daqui a pouco come uma bolacha, as vezes come e fica ruim, não é por fome, acho que é ansiedade, algo assim. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês)

Os relatos mostram como as preocupações com a busca pelo novo emprego e com questões orçamentárias causam dificuldades para iniciar o sono, assim como, afloram durante o sono. Como é possível verificar, o desemprego passa a ser um elemento de interferência

presente em grande parte do tempo do dia e da noite do desempregado, inclusive no horário destinado ao descanso.

Os participantes da presente não relataram o consumo de bebidas alcoólicas, ou indícios de alcoolismo como um hábito associado à situação do desemprego. Esse dado se contrapõe aos resultados dos estudos realizados por Furtado (1999) e por Caldas (1999) os quais relacionaram o desemprego ao aumento no consumo de álcool e ao alcoolismo.

2.1.3. A responsabilidade pela situação de desemprego

Os participantes desta pesquisa justificam algumas características como idade, grau de escolaridade, qualificação e experiência profissional e raça como elementos causadores do desemprego.

O relato de D. aponta como causa de sua condição de desemprego seu baixo nível de escolaridade.

Eu faço ficha e mais fichas, mas quando pedem o grau de escolaridade, eu já sei o que vai acontecer. (D. 34 anos, desempregado há 8 meses, primeiro grau incompleto)

Este relato expressa uma compreensão que não pode ser considerada como um mero equívoco de leitura da realidade feita apenas pelo entrevistado. O discurso do nível educacional como um elemento central para inserção no mercado de trabalho, ainda é um discurso proferido nos debates sociológicos. Apesar de muitos estudiosos se contraporem a esta perspectiva, o discurso ainda hoje defendido, principalmente por intelectuais que representam organismos oficiais, a exemplo de Londoño (1997), representante do Banco Mundial, é que o baixo nível educacional está diretamente relacionado com o desemprego. É este o discurso que é difundido para a sociedade, sem nenhuma crítica.

Mesmo que se considere a importância social que a escolarização desempenha na vida das pessoas, o tempo de escolaridade, tomado isoladamente, não é suficiente para explicar a situação de desemprego. De acordo com Pochmann (1999 a,b) e Mattoso (2000), o desemprego da atualidade cresce de forma significativa em todos os segmentos sociais, atingindo pessoas com menor ou maior grau de escolarização.

O relato do participante A. mostra uma reflexão sobre as reais possibilidades de um trabalhador de 51 anos, que cursou o segundo grau, conseguir se inserir no mercado de trabalho novamente.

Em outros lugares tem que ter um conhecido ou um grau de estudo maior, ser mais novo do que eu. Se podem colocar um de vinte e cinco, não vão colocar um homem de cinquenta e um anos. (A. 51 anos, desempregado há 3 meses)

Outro participante aponta duas outras causas de sua condição de desempregado: grau de escolaridade e inexperiência profissional em determinada função.

Tentei fazer ficha lá para cobrador e eles não deixam fazer a ficha. Parece que agora eles exigem segundo grau. Eu não consigo fazer as fichas. As vezes no jornal eles publicam um anúncio que diz que pode ser com ou sem experiência, que nem num bingo que eu fui outro dia, fiquei esperando, preenchi uma ficha e quando chegou minha vez, veio um cara todo bem vestido, com jeito de rico, devia ser o dono do lugar, e disse que sem experiência não adiantava. (G. 25 anos, desempregado há 5 meses)

A semana passada mesmo, eu saí daqui com um encaminhamento na mão, para uma vaga que exigia informática e experiência em caixa. Eu cheguei lá, e disseram que não adiantava, porque eu nunca tinha trabalhado como caixa. Informática eu conheço o básico. (I. 37anos, desempregada há 2 anos).

Assim como a escolaridade, a idade e a qualificação profissional, a experiência profissional anterior no cargo ou função a ser desenvolvida, também aparecem, nos relatos, como um elemento que inviabiliza o ingresso dos participantes no mercado de trabalho.

O preconceito racial também aparece nos relatos dos dois participantes negros, como um fator causador do desemprego

Eu acho que o fato de eu ser negro também dificulta para arrumar um emprego, tem muita discriminação, muito preconceito com a gente. (D. 34 anos, desempregado há 8 meses)

Os empregadores julgam as pessoas pela aparência. É outra coisa que eu noto, a discriminação direta, por causa da minha cor. Já vou procurar o emprego com isso na cabeça, que vão ver a cor da minha pele, a minha roupa e não o que eu posso fazer, o que eu posso colocar em prática. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano).

Desta forma, a análise dos resultados mostra as características como idade, grau de escolaridade, qualificação e experiência profissional, e raça como os elementos apontados pelos participantes como causadores de sua condição de desemprego.

Os relatos de vários participantes mostram que eles atribuem sua condição de desempregado, e a manutenção desta condição, também ao círculo vicioso criado entre a impossibilidade de exercer a função e a aquisição da experiência, já que, para exercer a função, é exigida uma experiência que não é adquirida sem o exercício da função. Como salientou a participante I:

Eu sabia que se eles me dessem o trabalho eu iria aprender, mas não, já me descartaram. Como eu vou ter experiência se não me deixam trabalhar? (I. 37 anos, desempregada há 2 anos).

Outro círculo vicioso entre a baixa escolaridade e o desemprego é apontado pelos participantes, já que a baixa escolaridade inviabiliza o acesso ao exercício da função, portanto à remuneração, sem a qual a escolarização se torna impossível, como mostra o relato do participante D.:

Eu tô procurando um emprego primeiro, para pagar as mensalidades de cinquenta e seis reais e acabar [primeiro grau]. Eu não consigo chegar no segundo grau. Qualquer vaga quer estas duas coisas [segundo grau e informática], daí como você não tem, você é obrigado a ficar quieto. (D. 34 anos, desempregado há 8 meses)

Uma contradição observada em relação a questão da qualificação profissional se refere ao fato de alguns participantes relatarem que não são selecionados para as vagas por serem ora muito qualificados, ora pouco qualificados¹⁰ para a vaga, como no caso do participante C.:

Eu investi muito em mim, estudei muitas coisas, e de repente eles acham que não era aquilo que eles queriam, queriam menos, para pagar só um salariozinho. Às vezes você é muito qualificado, outras vezes querem alguém com mais experiência. (C. 24 anos, desempregado há 3 meses).

¹⁰ A explicação da insuficiente qualificação profissional como justificativa para o desemprego, por pessoas desempregadas foi verificada em pesquisa realizada por Barbara (1999, p. 47). A autora defende que esta justificativa compõe um discurso ideológico, e que, portanto, os trabalhadores desempregados têm um conhecimento deficiente das causas do desemprego, já que não conhecem as variáveis envolvidas no processo do desemprego, que são a reestruturação produtiva e o desemprego estrutural. Nas palavras da autora, "o nível de aprendizado do trabalhador não é a causa do seu desemprego. O nível do aprendizado do trabalhador é utilizado ideologicamente para legitimar a condição de cada um. (...) mesmo que todos os trabalhadores fossem qualificados, ainda assim não haveria lugar para todos, então o discurso ideológico encontraria outra falsa razão para justificar a exclusão. "

Os resultados da presente pesquisa demonstram que os participantes não possuem um conhecimento sobre a expansão do desemprego e o explicam apenas por suas características pessoais. Este desconhecimento denota uma noção naturalizada do desemprego, na medida em que os participantes não estabelecem uma relação entre o movimento do emprego e desemprego com as relações sociais e de produção intrínsecas à lógica de uma sociedade capitalista.

A análise do fenômeno do desemprego no interior do sistema capitalista será um pouco mais detalhada no capítulo seguinte do presente estudo.

2.1.4. A Possibilidade da transgressão das normas sociais a partir da impossibilidade de satisfação de necessidades básicas

Diante do agravamento dos problemas econômicos que o desemprego desencadeia para os desempregados e a impossibilidade de adquirir mercadorias essenciais, tais como o pagamento do aluguel, que garante a moradia, a compra de um medicamento ou de produtos alimentícios, pensamentos sobre atos ilícitos como o furto, não pagamento de compromissos financeiros assumidos, e a invasão de propriedades, são relatados pelos participantes.

Estes pensamentos parecem estar vinculados aos momentos em que todas as alternativas para a resolução do problema se encontram esgotadas. Os relatos dos participantes D. , E., e G. demonstram claramente estes pensamentos.

Mas dá até para entender porque muitas pessoas roubam. A gente pensa nos filhos, pois tem que garantir o que é de direito deles. O que eu faria se isso acontecesse comigo? [o filho ficasse doente] Chegaria numa farmácia, pediria o remédio e na hora que o cara pusesse no balcão, eu pegaria e sairia correndo? Ou eu assaltaria uma pessoa que estivesse andando na rua? O que é mais importante, a honestidade ou a vida do seu filho que está em jogo? É difícil para um pai decidir isso. (D. 34 anos, desempregado há 8meses) (chorando)

Eu me sinto muito estranho nesta situação, o que é que eu vou fazer? Sair roubando, não dá. Se fosse outra pessoa poderia estar aí, roubando, aprontando, mentindo para as pessoas. Eu procuro ser muito honesto e certinho. Já passou pela minha cabeça até de invadir casas que estão abandonadas aqui no centro, para poder sair do aluguel. O aluguel, ele te mata, ele te mata. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano).

Tem muita gente rica e eu fico querendo trabalho por qualquer coisa. Às vezes dá desespero, mas pode chegar, pode chegar alguém perto de mim, me chamando para roubar, pode ameaçar me matar, que eu não ajudo. Prefiro que me mate do que eu ajudar. Mas as vezes eu penso que eles estão certos de roubar, porque a gente faz um monte de coisas e não acha emprego nenhum. (G. 25 anos, desempregado há 5 meses)

A partir dos relatos dos participantes, parece que, mesmo enfatizando que seus valores impediriam a efetivação de atos ilícitos, eles não condenam os que comentem estes atos devido à necessidade de garantir a sobrevivência. Em última instância, alguns deles até cometeriam.

Alguns estudos como os de Caldas (1999) e Baró (1998) tem apontado que a falta de recursos financeiros causada pelo desemprego pode levar os desempregados a se inserirem na criminalidade.

2.1.5. A Família: de provedora à necessidade de ser provida

A família tem um forte significado na vida do trabalhador desempregado. No entanto, este significado se altera dependendo da família á qual se está referindo. De modo geral, a família de origem, composta pelos pais, irmãos e colaterais, representa suporte, funcionando como provedora, e a família constituída pelos filhos, representa a necessidade de ser provida. Para discutir melhor estes significados, a vivência dentro da família foi dividida em a família de origem, o casal e os filhos.

2.1.5.1. A família de origem

Para os participantes que possuem relação com a família de origem, pais, irmãos e colaterais são considerados como pessoas que dão suporte material. Dentro das possibilidades de cada família, os pais e irmãos apóiam ajudando as pessoas desempregadas, fornecendo moradia, alimentação, vestuário, passe de ônibus e várias mercadorias essenciais.

O relato da participante I mostra claramente sua dependência de seus pais, devido a sua condição de desempregada, assim como mostra o apoio de sua família fornecendo as mercadorias que necessita.

Estou parada, ainda bem que moro com meus pais, não pago nada para morar. O básico para eu viver meus pais me dão, porque eu moro com eles, faltar comida não falta. Quando eu preciso de alguma coisa, me ajudam. (I. 37 anos, desempregada há 2 anos)

Este apoio da família também é expresso nos relatos de A. e E.

E agora estou morando na casa da irmã em Palhoça, que ela me cedeu minhas passagens, minha irmã paga, me dá uns trocadinhos. (A. 51 anos, desempregado há 3 meses).

Minha mãe é viúva, de vez em quando ajuda com alguma coisa, que eu também tenho dois irmãos. Agora nós estamos numa transição, eu e meu irmão vamos ter que ir morar com ela, vamos juntar, morar tudo na mesma casa, para abaixar a despesa de todo mundo. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano).

Os relatos expressam a condição de pessoas desempregadas que compuseram famílias e possuíam uma independência financeira em relação a família de origem, mas que no momento do

desemprego, precisam recorrer a ela novamente. Inclusive, no caso de E., que é chefe de família, a mãe acolherá sua esposa e filha.

Porém, há casos em que o desempregado não pode contar com este apoio, como os casos dos participantes C. e H.

[a família] Moram no interior do Rio Grande do Sul. Minha mãe é aposentada, não dispõem de recursos para me ajudar. Eu nem quero passar esta situação para ela, para ela não ficar preocupada, ela tem muitos problemas. Ela nem imagina o que eu estou passando.(C. 24 anos, desempregado há 3 meses)

Minha família mora em Tubarão, eles não tem condições de me ajudar, eles não tem condições nem para eles.(H. 33 anos, desempregada há 4 meses)

Os participantes C. e H. relatam sua condição de não poderem contar com seus familiares para moradia, já que estes residem em outras cidades. Os participantes relatam, também, que, além de não contarem com a moradia, não podem contar com o apoio financeiro, já que suas famílias não têm condições financeiras de ajudá-los.

Como é possível concluir a partir da maioria dos relatos, a família de origem desempenha um papel fundamental em termos de suporte financeiro, garantindo o fornecimento das mercadorias essenciais para sobrevivência e, assim, possibilitando as condições mínimas para enfrentar o momento do desemprego, apoio este que é reconhecido por todos que com ele podem contar. Porém, há casos que, devido à falta de recursos financeiros da família, nem mesmo ela pode ajudar o desempregado.

Os dados levantados na presente pesquisa não fornecem subsídios para responder se os participantes que não possuem amparo da família recorrem a organizações governamentais ou não governamentais, com o objetivo de buscar algum tipo de benefício ou auxílio. Isto significa dizer que não há dados para responder o que eles fazem a partir do momento em que chegam no

limite de suas condições de sobrevivência, como é o caso de H. Essa questão não foi aprofundada devido ao reconhecimento, por parte da pesquisadora, do desespero que os participantes demonstraram no momento em que descreviam a carência de mercadorias essenciais, e a situação de não saber mais com quem contar.

2.1.5.2. Cônjuges: relação de apoio e preocupação

Os cônjuges são descritos como pessoas que dão suporte emocional, já que incentivam a busca pelo emprego e apoiam no enfrentamento deste. Também dão suporte financeiro, já que assumem as despesas da família.

O participante E. relata, com ênfase, o apoio que tem recebido de sua esposa, apoio este que o surpreendeu positivamente, demonstrando o fortalecimento da relação do casal.

Ela [esposa] me ajuda muito, estou até surpreso com ela, porque ela está agüentando muito as pontas. Ela é uma menina batalhadeira, está agüentando muito. Eu preciso de uma pessoa do meu lado, e eu estou tendo. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano)

Por outro lado, o relato do participante B. mostra que, apesar, do apoio com o qual pode contar de sua esposa, mas também uma perda na qualidade de sua relação, devido às preocupações geradas pelo desemprego.

Ela [esposa] dá forças, ela incentiva todo dia para eu sair procurando emprego, pois fala que se eu deixar para o dia seguinte, pode ser tarde. Mas muda a relação com a esposa, você não consegue dar mais atenção para ela. Ela conversa com você, você já não responde, você fica com a cabeça em outro lugar, imaginando aonde que eu vou arrumar serviço. Foi bom conversar aqui hoje porque eu converso com ela, falo que estou meio nervoso, a gente conversa, mas eu desabafo e deixo ela nervosa. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês).

O participante D. relata o apoio de sua esposa, mas, ao mesmo tempo, lamenta a grande preocupação dela em relação a ele devido a sua situação de desempregado.

Minha esposa tenta ficar do meu lado. Eu tento rir de alguma coisa que passa na televisão ou tentar se auto-superar, procurando não brigar por pequenas coisas. Ela fica estressada, não se conforma que eu tô conseguindo segurar esta onda sozinho, e ela acha que eu estou pensando besteira porque eu não falo nada. É mais fácil conversar com alguma pessoa que não me conhece, do que com alguém dentro de casa, porque é super triste, é muito triste mesmo. (D. 34 anos, desempregado há 8 meses)

No caso do participante A., o desemprego é relatado, não como uma situação que resultou em apoio, mas como um evento que desencadeou a separação do casal, na medida em que ambos não puderam suportar as dificuldades trazidas, principalmente pelas perdas financeiras:

Fiquei desempregado, fiquei separado e com dívidas. Acabou o dinheiro, acabou o amor, acabou a relação. (A. 51 anos, desempregado há 3 meses)

A partir desses relatos, pode-se verificar que a pessoa desempregada pode ter ou não apoio afetivo de seu cônjuge para enfrentar a situação do desemprego. Nos casos em que ocorrem atitudes de incentivo, o resultado pode ser o fortalecimento de uma relação. No entanto, a situação do desemprego pode gerar uma perda na qualidade de relação do casal, expressa na dificuldade de comunicação entre os cônjuges. Em alguns casos extremos, o cônjuge não consegue arcar com o apoio financeiro e afetivo, podendo levar à separação.

2.1.5.3. Somos responsáveis pela criação dos nossos filhos!

A consciência da responsabilidade de proverem as necessidades materiais e afetivas de seus filhos, isto é, a responsabilidade de garantir a eles as mercadorias necessárias para o seu desenvolvimento e sua formação, está presente nos relatos dos participantes da pesquisa.

O relato de B. mostra sua grande preocupação com esta questão.

Penso muito nas crianças, não pode deixar faltar nada para elas, se precisa de remédio, tem que ter. Então todo mês tem que ter aquele dinheirinho. As crianças são pequenas. A gente pensa nos filhos, pois tem que garantir o que é de direito deles. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês)

No caso do participante G., se verifica uma grande preocupação com sua situação, já que, ao mesmo tempo em que entende sua responsabilidade como o único provedor da família devido a impossibilidade de sua esposa trabalhar, reconhece que o fato de estar desempregado inviabiliza o cumprimento desta responsabilidade.

Fico muito triste por não conseguir trabalhar, porque eu estou sem nada em casa. Fico muito preocupado com esta situação, filho e mulher em casa para sustentar. A filha é pequena, não dá para mulher trabalhar. Falta tudo, até para comer, tem pouca coisa em casa. Tem pouca roupa em casa. Minha mulher as vezes reclama que precisa comprar, mas não tem [dinheiro] para comprar. (G. 25 anos, desempregado há 5 meses) (chorando)

Estes relatos mostram que os pais reconhecem sua responsabilidade como provedores materiais de seus filhos, mas que o desemprego gera uma preocupação com a impossibilidade de cumprir tal responsabilidade.

2.1.6. Queda no padrão de consumo: já não compro mais...

A falta de remuneração causada pela situação do desemprego leva à queda no padrão de consumo. Esta queda está associada à dificuldade na atualização das mercadorias que o desempregado, assim como sua família, estavam acostumados a consumir. Está associada também à venda de produtos adquiridos, com o objetivo de obter algum recurso financeiro e poder comprar outros, considerados de maior necessidade. Em alguns casos, está associada à contração de dívidas.

A diminuição do padrão de consumo dos participantes desta pesquisa é mostrada por fatos como a venda de um carro, perda da moradia, ausência de investimento em cursos de aperfeiçoamento profissional, diminuição do consumo de energia elétrica, redução das atividades de lazer, até a redução na aquisição de roupas, produtos alimentícios, e gasto em transporte, neste caso dificultando, inclusive, a oportunidade de busca pelo emprego.

O relato de A. demonstra a necessidade da venda do carro, a moradia temporária em uma casa cedida, que se encontra em condições precárias, como também demonstra, de forma irônica, a ausência de produtos alimentícios em sua geladeira. Demonstra também as dificuldades de pagar o transporte para a busca de um novo emprego.

Agora estou morando na casa da irmã em Palhoça, que ela me cedeu. É uma casinha precária, chove dentro, molha todos os móveis, molha tudo. A geladeira de casa está direitinho, tem um litro e meio de leite, mas dá-se um jeito, está vazia. Mas fica difícil até pra procurar emprego, já gastei, vai para lá, vai para cá, tenho que ir até o Saco dos Limões, o dinheiro vai, não tenho dinheiro, não pode gastar. Moro onde não pago, estou vivendo de favor. (A. 51 anos, desempregado há 3meses)

O relato de B. mostra a venda do carro com o objetivo não somente de comprar mercadorias, mas principalmente para o pagamento de dívidas contraídas antes e durante o

período de desemprego. O entrevistado menciona também vender outras mercadorias para manter a família caso não obtenha outra fonte de remuneração.

Agora, cheguei num ponto que tive que vender o carro, e já paguei algumas dívidas, mas a gente tá consumindo o que a gente tem. Vamos ter que desfazer de alguma coisa, é obrigado, para manter a casa. O que me amenizou mais foi a venda do carro, pelo menos consigo comprar comida mais uns dois meses, aí depois não sei o que fazer. Nós estamos cortando tudo, nada de supérfluos, chocolate para as crianças, que costumava comprar, cortou tudo, só dá o mínimo. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês)

O relato do participante C. mostra a impossibilidade da continuidade de investimento em sua qualificação profissional, fator considerado essencial pelo participante. A aquisição de produtos alimentícios, atividades culturais e de lazer foram também afetadas devido à redução necessária de gastos.

Está surgindo uma palestra com palestrantes internacionais, gostaria muito de ir, não poderei ir e era um hábito que eu gostava. Participação em teatro, eu ia, agora não vou mais, cinema, que eu adorava ir, não vou mais, é uma mudança totalmente. Gostava muito de comprar livros, jornais bons, agora eu tô por fora das notícias. Não compro mais bons livros que eu gostava de ler. Já não me alimento mais direito, já que antes me alimentava em restaurantes, agora tem que controlar o que alimentar, o que vou comer. Como frutas, busco alimentos de menor valor, para segurar o resto que tem e manter. (C. 24 anos, desempregado há 3 meses)

A falta extrema de condições para compra de mercadorias como produtos alimentícios é relatada por H., ao apontar que não havia comido nada no dia da entrevista por falta de dinheiro.

Tem tantas coisa que a gente não consegue comprar. Chega a faltar comida. Antes a gente comprava bolachas, já não dá mais. Antes comprava uma caixa de leite, já não dá mais. Hoje por exemplo eu não almocei ainda,

porque não tinha nada para comer.(H. 33 anos, desempregada há 4 meses)
(chorando)

No caso de E., a falta de recursos financeiros tem gerado dívidas que não conseguem ser quitadas.

Estamos nos virando, estou cheio de dívidas. Esta semana que passou eu fiquei seis dias sem gás, porque não tinha dinheiro para comprar. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano).

Os relatos dos participantes da presente pesquisa demonstram que a situação de desemprego gera uma queda no seu padrão de consumo. Em alguns casos, esta queda no padrão de consumo compreende uma redução nos gastos com lazer, diminuição no investimento profissional. Em outros casos mais extremos, compreende a total falta de recursos financeiros, inclusive para comprar alimentos, como é o caso da participante H "Hoje, por exemplo, eu não almocei ainda, porque não tinha nada para comer".

Vários outros estudos realizados com pessoas desempregadas apontam a perda no poder aquisitivo como uma das mais graves conseqüências do desemprego, tais como os estudos de Cattani (1986), Caldas (1999), Baró (1998) e Preti e Miotto (1999), o que a presente pesquisa corrobora.

2.1.7. Não me falta nada, só decidir sobre a minha própria vida!

Nos relatos dos participantes que dependem financeiramente dos pais, e que podem contar com eles como provedores das mercadorias, e que também não possuem filhos dependentes, é presente a afirmação de que nada lhes falta, exceto poder de decidir sobre questões relacionadas à condução de suas próprias vidas. A situação de desemprego está

associada à dependência dos pais e, assim, à perda de autonomia¹¹. Os relatos dos participantes J. e I. demonstram esta situação.

Eles [os pais] estão querendo se mudar e eu não tô querendo sair daqui, eu estou querendo me fixar aqui, ficar morando em Florianópolis. Estou precisando ficar mais independente, eu ainda sou dependente dos meus pais. Desde cedo eu sempre quis ser dependente de mim mesmo, e agora que eu já sou maior de idade, gostaria de ser dono do meu próprio nariz, vamos dizer assim, conseguir tirar meu próprio sustento. (J. 18 anos, desempregado há 4 meses).

No caso da participante I, o relato mostra a situação de uma mulher com 37 anos, que possui uma relação de dependência dos pais:

Eu não tenho minha própria vida, me sinto péssima, quero trabalhar depender somente de mim. É horrível uma mulher da minha idade depender dos pais para ter suas coisas, morar na casa deles. Quando eu preciso de alguma coisa, eles me ajudam, mas quando se depende dos outros, você sempre tem que dar satisfação das coisas, e eles sempre fazem as condições deles. Quando você não é dono de sua própria vida, você sempre tem que se sujeitar às regras que a pessoa que te ajuda te impõe. Eu fico muito preocupada, porque hoje eu ainda tenho meus pais que me ajudam, mas e quando meus pais morrerem, o que é que eu vou fazer? Ficar dependente dos meus irmãos? Eu tenho dois irmãos e cada um tem seu trabalho, sua vida. Já imaginou, eu deixar de ficar dependente dos pais e ter que pedir ajuda para meus irmãos, que situação horrível! Mesmo porque eles também não tem condições de me ajudar. (I. 37 anos, desempregada há 2 anos) (chorando)

¹¹ Ao investigar o significado do emprego para trabalhadores desempregados, Brasileiro (2000) obteve resultados que estão em consonância com os encontrados na presente pesquisa. A autora verificou que, a independência econômica, compreendida como a possibilidade de ganhar seu dinheiro e poder abdicar de ajuda de outras pessoas, aparece como um elemento associado ao emprego.

Seu relato demonstra que a perda do emprego gera uma perda relativa de autonomia, leva a dependência de seus pais. Isto fica claro quando enfatiza que a dependência de outros gera necessariamente submissão às condições estabelecidas pelos mesmos. Seu relato mostra, também, sua preocupação que, ao não conseguir emprego, esta dependência, com características de submissão, seja transferida para seus irmãos, caso vivencie a perda de seus pais, durante o período do desemprego.

Os relatos dos participantes demonstram uma perda do poder de decisão, com características de submissão, causada pelo desemprego, expressa contundentemente pela frase de I.: "você não é dono de sua própria vida".

2.1.8. Desemprego: falta da atividade ou do salário?

Ao serem questionados sobre qual é o aspecto do desemprego que os afeta mais, se a falta da atividade desenvolvida ou falta da remuneração recebida, 11 dos participantes da pesquisa consideraram a falta da remuneração, na medida em que destacam que a remuneração é determinante para a aquisição das mercadorias necessárias para a produção de suas vidas. Apenas dois participantes atribuíram um grau de importância equivalente entre atividade e remuneração.

Os relatos de E. e I. mostram que a falta da remuneração, consequência do desemprego, é mais importante, já que inviabiliza a aquisição das mercadorias necessárias para a produção da vida.

O trabalho é só para me segurar, mas é a grana principalmente. Porque é luz, é água, é aluguel, telefone para pagar, é comida. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano)

No caso da participante I., é possível verificar a importância atribuída ao salário, na medida em que ela afirma que o salário viabiliza todos os projetos de vida. Para ela, uma pessoa sem salário não tem valor, "é um nada".

O salário, sem salário você não é nada. O salário é tudo na vida de uma pessoa. Se ela tem um salário, o resto ela também dá um jeito de conseguir. (I. 37anos, desempregada há 2 anos).

Nos relatos dos participantes B. e M., existe uma equivalência entre a falta da remuneração e a falta da atividade.

São duas coisas importantes. Acredito que o salário e o que faz são as duas coisas mais importante do ser humano, fazer o que gosta e ser retribuído por aquilo, né, eu penso assim. Os dois, parado parece que você não é gente. Ficar em casa, para mim não serve, e o dinheiro você tem que ter, de um jeito ou de outro você tem que ter. Sem dinheiro não se faz nada. (B. 34 anos, desempregado há 1 mês)

O participante B. parece afirmar que a falta de atividade diminui o ser humano, ao afirmar que, sem a atividade, "você não é gente".

O relato de M., por outro lado, associa o direito de receber sua remuneração ao dever de estar trabalhando. Desta forma, o recebimento de uma remuneração sem o trabalho não se justifica para M.

Olha, tanto como ter uma atividade, como de ter o meu dinheiro, então eu acho que são os dois importantes, porque eu não me sentiria bem de ter de mão de beijada. O que eu quero é estar trabalhando e ter o meu [dinheiro] todo mês certo. (M. 34 anos, desempregado há 10 meses)

Interessante ressaltar que apesar de ambos os participantes, B. e M., terem atribuído uma equivalência de importância entre atividade e remuneração, os efeitos da ausência da remuneração se sobressaem de forma significativa aos efeitos da ausência da atividade, se considerados os seus relatos, durante toda a entrevista.

Para os participantes da presente pesquisa, é possível concluir, que entre a falta da atividade ou da remuneração causados pelo desemprego, o aspecto que mais afeta a vida do desempregado é a falta da remuneração, já que "sem salário você não é nada" (segundo a entrevistada I.).¹²

2.1.9. O distanciamento social

O distanciamento social, expresso na diminuição da frequência de encontros com pessoas da família e amigos, assim como na diminuição do diálogo com as pessoas conhecidas, está presente nos relatos dos participantes. O distanciamento social está associado principalmente à necessidade de diminuir as despesas financeiras, o que implica na redução da presença em situações nas quais é possível encontrar parentes e amigos. A comparação entre dois momentos da vida, empregado e desempregado, aparece nos relatos dos participantes, e evidencia o distanciamento social. Os relatos dos participantes C. e M. mostram claramente este fato.

¹² Brasileiro (2000) ao investigar sobre o significado do emprego para pessoas desempregadas, verificou que os desempregados associam o emprego a sua subsistência, isto é, atribuem uma importância significativa ao emprego, como recurso essencial para a manutenção das suas necessidades básicas. Embora autora não tenha investigado qual é o aspecto mais importante do emprego, os resultados da pesquisa dela, estão em consonância com os resultados encontrados na presente pesquisa.

Meu grupo social, o qual eu freqüentava, em bares e restaurantes, ou seminários e palestras. Parou tudo, eu fiquei totalmente fora, praticamente enclausurado numa outra vida, minha vida social terminou. (C. 24 anos, desempregado há 3 meses)

Até as vezes a gente saía no final de semana, num barzinho, dava uma volta, alguma coisa, por exemplo na casa dos irmãos dela que moram na praia, eu levava coisas e pagava tudo, mas hoje em dia eu me sinto mal porque ela tem que tirar do dela, a passagem dela e a minha, por isso hoje em dia eu prefiro ficar em casa para não sair, para não estar gastando dinheiro, coisa que ela já não tem muito, e eu mesmo não tenho nada. Então isso aí, é horrível, não é fácil a situação do desempregado. Mas eu era uma pessoa que saía, ia para barzinho, para um jogo, adorava tomar uma cerveja, sem nunca deixar de trabalhar no dia seguinte. (M. 34 anos, desempregado há 10 meses)

No caso do participante D., além da diminuição nos encontros sociais com parentes e amigos, é possível verificar também uma diminuição do interesse de se comunicar com as outras pessoas.

Eu estou mais afastado, estou mais afastado de ir na casa de minha mãe, afastado de muito lazer. Fico em casa, quieto, procuro sempre estar tranqüilo. Adquiri o vício do silêncio. Estou muito silencioso. Antes eu dava resposta para qualquer pergunta, hoje. (D. 34 anos, desempregado há 8 meses)

Os relatos dos participantes desta pesquisa demonstram que a situação do desemprego gera um distanciamento social causado principalmente pela necessidade de diminuição de gastos.

Estes dados estão em consonância os resultados obtidos por Brasileiro (2000) quando investiga sobre o significado da perda do emprego para os trabalhadores desempregados. A autora verificou o distanciamento das relações interpessoais, desencadeado pela necessidade de diminuição nas atividades de lazer, devido ao fato de não possuírem condições financeiras para

tal. A partir disto, a autora aponta para a importância das amizades e das relações sociais para a saúde "psicossocial" das pessoas, e afirma que a inviabilidade desta convivência acarreta danos para o bem estar dos desempregados. Os estudos produzidos por Cattani (1986) e por Caldas (1999) também apontam que desemprego está associado ao declínio nas atividades sociais, configurando um distanciamento social, vivenciado pelos desempregados.

2.1.10. Os sentimentos diante da situação de desemprego

Sentimentos são compreendidos, a partir da definição de Heller citada por Lane (1995), como elementos que, juntamente com as emoções, compõem a afetividade humana. De acordo com a autora os sentimentos compõem uma relação de "figura e fundo" ¹³ com as emoções, sendo que as emoções são sempre "figura", devido ao seu caráter comunicativo, expresso e, portanto empírico. Os sentimentos seriam mais duradouros, sendo ora "figura", ora "fundo". Lane (1995) utiliza um exemplo que fornece alguns elementos para esta compreensão.

A tristeza como emoção eu constato pela expressão facial, pelas lágrimas. A tristeza como sentimento, ela se oculta no "fundo", enquanto, enquanto a pessoa desempenha suas atividades cotidianas e é levada a se preocupar com outros detalhes de sua vida. Porém se eu lhe perguntar: Como vai você ? ou Como você está ? certamente a tristeza se tornará figura e ela me responderá triste.(Lane, 1995, p. 58)

¹³ Os conceitos de figura e fundo são conceitos adotados pela psicologia da Gestalt, que entende por figura aquele componente que se encontra em destaque, e por fundo o componente que faz parte do contexto, mas que exerce menor influência no campo perceptivo de um indivíduo. Um mesmo componente pode funcionar como figura em um determinado momento, e fundo em outro, na medida em que pode exercer uma influência significativa em alguns momentos, e deixar de exercê-la em outros, no que se refere ao campo perceptivo da pessoa.

De acordo com Lane (1995), os sentimentos podem ser, então, apreendidos pelas expressões de emoções, comunicadas por meio da linguagem, quer seja a verbal ou não-verbal. De forma geral, a situação de desemprego é descrita como uma situação que gera sentimentos negativos¹⁴ pelos participantes da pesquisa. Os sentimentos que foram mais verbalizados e expressos são de desespero e perda da esperança. Os sentimentos de tristeza, revolta, desorientação e angústia também foram expressos pelos participantes. Nenhum dos participantes relatou sentimentos positivos associados sua situação de desemprego. Desta forma, os sentimentos são descritos como se segue:

Eu é que fiquei desempregado e tá dando desespero, eu saia de um emprego entrava no outro, por isso que três meses para mim parece dois anos. Eu já estou desesperado e se me acomodar pode ser cinco ou seis. Para quem é acostumado a trabalhar, é duro, tem dia que olha. Vem muita solidão, tristeza. Eu não estou me dando bem com esta situação, fico chateado, me revolto, as vezes perco a esperança. Desde que eu tô desempregado, sinceramente, já passou de dar um tiro e acabar, mas depois passou, acho que não é por aí, mas que teve, teve. (A. 51 anos, desempregado há 3 meses).

O relato de A. expressa o desespero de um trabalhador de 51 anos de idade que vivencia um período de desempregado pela primeira vez. O fato de estar procurando emprego durante três meses sem resultado positivo leva A. a perder as esperanças, e considerar seu futuro sem perspectiva, o que já gerou pensamentos de suicídio.

Alguns pesquisadores, entre eles, Preti e Miotto (1999), Brenner e Mooney citados por Silva (2000) e Caldas (1999) apontam que o desemprego funciona como um fator precipitador nas tentativas de suicídio, assim como do ato do suicídio, propriamente dito.

No caso de M., os sentimentos de desespero e falta de esperança também são relatados:

¹⁴ Sentimentos negativos possuem aqui a conotação de sentimentos desagradáveis, isto é, que causam desconforto. Sentimentos positivos significa sentimentos agradáveis, que possibilitam algum tipo de satisfação ou prazer.

Já cheguei até a entrar numa depressão, mas graças a Deus tirei isso da idéia, justamente por isso, por ficar pensando nisso de trabalho. Eu mesmo não me sinto bem, então, tem hora que bate um desespero, eu fico pensando, será que não aparece nada, será que eu não vou ter outra oportunidade, eu fico pensando comigo mesmo. Eu tenho passado uma situação muito difícil, que você nem imagina. É muito difícil! Eu tenho um quarto separado, que eu até começo a chorar sozinho, que bate um desespero achando que não vai pintar outra oportunidade. (M. 34 anos, desempregado há 10 meses) (chorando)

Perder a esperança parece ser um sentimento comum entre as pessoas desempregadas. Isto pode ser verificado no relato de C., que expressa, de forma contundente, sua situação de falta de esperança na medida em que coloca "não tenho mais fôlego para agüentar":

Agora faz três meses que estou aqui e estou desempregado e já não tenho mais fôlego para agüentar. Chegou um momento aonde a gente acaba não vivendo mais e é um choque muito grande, porque é a mesma coisa que perder alguém de minha família. Eu não conheço ninguém aqui, estou desamparado, não posso contar com ninguém, ninguém vai pagar meu aluguel e eu sou obrigado a trabalhar. Mas a gente sente aquela coisa, se a caixa d'água estava cheia, com o tempo ela vai esvaziando, começa a ficar menor e até nossas esperanças começam a diminuir.(C. 24 anos, desempregado há 3 meses) (chorando)

O relato de C. demonstra, também, o sentimento de desamparo, já que está sem nenhum familiar ou amigo para custear, pelo menos, algumas de suas despesas para que possa garantir suas necessidades básicas, como a moradia e, assim, permitir sua subsistência.

No caso de B., o relato mostra sua angústia, principalmente nos momentos em que não se encontra na busca pelo emprego.

Dá angústia, a gente fica assim. Quando se está na rua correndo atrás de alguma coisa, ainda vai, mas quando está em casa pensando, aí te dá um nó

na cabeça, que não sabe o que fazer. A gente fica sem rumo. (B. 34 anos, desempregado há 1 mês)

Além da angústia, seu relato expressa sua desorientação, uma espécie de desentendimento frente a sua situação.

Nos casos dos participantes D. e G., o sentimento descrito é de profunda tristeza, associada à impossibilidade de adquirir as mercadorias necessárias para subsistência deles e de suas famílias.

Fico em casa, quieto, procuro sempre estar tranqüilo. Eu não sou estressado, sou até calmo demais, mas deixa a gente bastante triste. Você começa a ver que tem que desligar uma geladeira, um freezer, para amenizar ao máximo a despesa. Tem que deixar o carro na garagem, só sair numa ocasião muito importante, a tristeza vem. (D. 33 anos, desempregado há 8 meses)

Eu trabalhei na Orcali três anos, depois num outro lugar que me tiraram, eu até pedi para ele me deixar ficar, porque eu precisava. Fico muito triste por não conseguir trabalhar, porque eu tô sem nada em casa. Fico muito preocupado com esta situação, filho e mulher em casa para sustentar. (G. 25 anos, desempregado há 5 meses)

Revolta, também, aparece como um sentimento expresso pelas pessoas desempregadas. No caso da participante I., a revolta aparece associada a seu reconhecimento do círculo vicioso criado pela falta de oportunidade de adquirir experiência necessária para seu reingresso no mercado de trabalho.

Eu fiquei revoltada, pois eu sabia que se eles me dessem o trabalho, eu iria aprender, mas não, já me descartaram. Como eu vou ter experiência se não me deixam trabalhar? Eu fico muito chateada, mas o que eu posso fazer? Gritar com as pessoas, começar a beber, a me drogar? Não, eu não posso. (I. 37 anos, desempregada há 2 anos) (Chorando)

Outro sentimento relatado está associado à "vontade de explodir". O participante N. enfatiza o fato de sempre ter sido uma pessoa tranqüila, mas que tem tido alterações emocionais causadas pela sua condição de desempregado.

Eu fico muito nervoso, tem dias mesmo que eu quero explodir tudo, chutar tudo que eu vejo na frente! E olha que eu sempre fui um cara tranqüilo. É por isso que eu vou para praia, as vezes pego um barco, dou uma remada, vou pescar, para não ficar mastigando aquela coisa ruim e piorar ainda mais a situação Essa situação de trabalho tá muito difícil. (N. 25 anos, desempregado há 1 ano)

Brasileiro (2000), ao investigar os sentimentos decorrentes da perda do emprego, para trabalhadores desempregados na Paraíba, produziu resultados muito semelhantes aos descritos na presente pesquisa. Em sua pesquisa, Brasileiro identificou a ocorrência de sentimentos desagradáveis, o que a autora categoriza como sentimentos negativos de natureza "afetivo-emocional", tais como angústia, tristeza, frustração, desespero, o que na leitura da autora, confirma que o desemprego abala a sensibilidade das pessoas. O sentimento de perda da esperança também foi verificado por Caldas (1999) como um sentimento freqüentemente associado ao desemprego, por pessoas desempregadas.

2.1.11. A desconsideração pelo desempregado

Os trabalhadores desempregados entrevistados sentem-se desconsiderados pelas empresas no momento da busca pelo novo emprego, no momento em que passam pelos processos seletivos, por não serem informados dos critérios de seleção para as vagas às quais estão concorrendo, como também pelo fato de não obterem respostas a respeito da finalização

do processo seletivo. Ao relatar a falta de informação a respeito dos resultados do processo seletivo pelo qual passou, E. demonstra sua expectativa diante de uma resposta.

Aí tem empregador que fica de te dar a resposta e nunca dá, e agente tem que correr atrás. Eles não avisam se já contrataram alguém e a gente fica esperando. (E. 31 anos, desempregado há 1 ano).

Ao relatar o processo seletivo pelo qual passou, H. demonstra o desconhecimento sobre os critérios de seleção para a vaga de emprego, e sobre os resultados do processo seletivo, o que, para ela, se caracteriza como uma situação difícil.

Eu queria entender porque se existe a vaga eles não dão o emprego, a gente tem que fazer ficha e ficar esperando. Por exemplo, tinha um anúncio de vaga numa clínica, eu cheguei cedo, cheguei primeiro, e achei que, já que eles estavam precisando, e eu tinha referência, tudo, mas não, tinha que fazer a ficha. Aí chegou mais oito e eu fiquei com essas oito para fazer a ficha. Não sei se alguém foi chamada, não me deram nenhuma resposta. Se torna difícil, né? (H. 33 anos, desempregada há 4 meses).

Os relatos dos participantes mostram a forma como se sentem desconsiderados pelas organizações no contexto de busca pelo emprego. O relato do participante C. "qualquer coisa, eu te chamo", expressa, de forma clara, a condição à qual um desempregado fica submetido, condição essa de se conformar com o período de espera de resposta, quer afirmativa ou negativa, que poderá nunca chegar.

A desconsideração fica evidente em seus relatos, já que se sentem desconsiderados e esquecidos, tanto no que se refere aos critérios específicos de preenchimento da vaga, como no que se refere a ausência de uma simples resposta a respeito dos resultados do processo seletivo.

2.1.12. Diante do desemprego é preciso ter esperança!

Associadas às situações tristes e desesperadoras, aparecem nos relatos de alguns participantes, palavras ou expressões que parecem ter o objetivo de resgatar a esperança de uma situação melhor, ou de funcionar como um incentivo para continuar enfrentando a situação adversa, e não se entregar totalmente, isto é, não desistir. As falas abaixo demonstram, de forma clara, estas expressões.

Eu não tô me dando bem com esta situação, fico chateado, me revolto, as vezes perco a esperança, não pode perder, mas perde. (A., 51 anos, desempregado há 3 meses)

Aí te dá um nó na cabeça, que não sabe o que fazer. Mas graças a Deus, sempre que saí de um serviço, deu aquele tempo de encaixe certo para outro, nunca cheguei a passar aquela necessidade mesmo. E nós não temos quem ajude. (B. desempregado há 1 mês)

Pensando em coisas boas, e indo atrás das coisas com pensamento positivo. Passando um positivismo muito forte, talvez um positivismo que eu não tenho, mas tentando pelo menos ter uma imagem positiva. Tenho procurado evitar o contato com notícias ruins, prefiro não ler, para não piorar. Prefiro não transparecer para as pessoas o que eu estou passando, essa angústia desgraçada que tá me remoendo, mas eu não preciso passar isto para as pessoas que eu converso. Tenho que ser forte! Se eu não acreditar no positivo, é melhor me matar já de uma vez! (C. 24 anos, desempregado há 3 meses) (chorando)

É possível também no relato de C. uma atitude de afastamento de aspectos da realidade com o intuito de se preservar de fatos que poderiam desmotivá-lo na sua tentativa de continuar buscando uma situação mais favorável. As crenças religiosas aparecem como uma das formas de readquirir a confiança neste momento de busca pelo emprego.

Mas como diz minha mulher: enquanto há vontade, há esperança. Meu irmão diz que quando alguém fecha uma porta, Deus abre várias. (D. 33 anos, desempregado há 8 meses)

No relato de M. se verifica que a conquista de um emprego parece estar associada a um "milagre".

Agora nesta semana, eu fiquei pensando se Deus poderia me dar um presente de casamento que seria um emprego, mas por enquanto não deu certo. (M. 34 anos, desempregado há 10 meses)

Alguns participantes relatam que utilizam algumas estratégias com o objetivo de aliviar os sentimentos negativos gerados pela situação de desemprego, para continuarem enfrentando essa situação. Essas estratégias envolvem a prática de longas caminhadas e atividades no mar.

Eu saio para andar, outro dia andei quinze km. a pé. Eu saio para pensar, e fico andando. Tipo hoje, eu vim a pé para cá, de lá do Jardim Atlântico. Então é um jeito de gastar aquela energia negativa que a gente tem, é andar, pois me alivia a cabeça. (B. 33 anos, desempregado há 1 mês).

É por isso que eu vou pra praia, as vezes pego um barco, dou uma remada, vou pescar, para não ficar mastigando aquela coisa ruim e piorar ainda mais a situação. Tem dia que eu sento na praia e fico lá parado, olhando o mar, dou um tempo pra ver se eu me acalmo. (N. 25 anos, desempregado há 1 ano).

2.1.13. O desemprego dificulta o planejamento da vida futura

Os participantes da pesquisa relatam que o desemprego dificulta o planejamento da vida futura, já que a ausência da remuneração inviabiliza investimentos em longo prazo, comprometendo uma perspectiva de futuro.

Gostaria de ter meu emprego, juntar dinheiro para ter um lugar meu, comprar uma casa, ou alugar uma casa, mas ter o meu canto. Quem sabe voltar a estudar, fazer uma faculdade, mas sem emprego não dá nem pra fazer planos para o futuro. (I. 37anos, desempregada há 2 anos)

No relato de C. percebe-se a impossibilidade de planejar a sua vida para o futuro, o que para ele, significa a desistência de seus sonhos pessoais.

Tudo que você sonhou, você tem que esquecer. Seus projetos, tudo que você tinha como projetos acabam, na hora que você perde o emprego. Se você quer estudar, fazer isso ou aquilo, tudo cai, já que eu não posso me projetar a longo prazo, certo? Só dá para fazer projetos a curto prazo. De uma hora para a outra a gente passa por isso e fica sem nada, sem sonhos. (C. 24 anos, desempregado há 3 meses)

Os relatos dos participantes demonstram que a situação de desemprego dificulta o planejamento da vida futura, já que compromete os investimentos no desenvolvimento profissional e na compra de bens materiais. Estes aspectos prejudicam a noção de uma perspectiva de vida futura.

Tal como no presente estudo, a associação entre desemprego e dificuldade de realização de projetos pessoais também foi verificada na pesquisa conduzida por Brasileiro (2000).

2.2. A vivência das pessoas desempregadas: algumas conclusões

A análise dos dados permite, à pesquisadora, destacar alguns elementos sobre a vivência da pessoa desempregada.

A situação do desemprego não significa que os desempregados estejam com seu tempo livre para outras atividades desvinculadas de sua inserção no mercado de trabalho, na medida em que estes desenvolvem uma variedade de tarefas e despendem grande parte de seu tempo na busca incessante pelo emprego e, portanto, na tentativa de se inserirem novamente no mercado de trabalho.

A situação de desemprego interfere na vida do desempregado como um todo, ou seja, mesmo nos momentos em que a pessoa desempregada não está desenvolvendo as tarefas específicas de busca pelo emprego, ela está envolvida com a situação de desemprego. As preocupações com o desemprego geram interferências nas outras atividades desenvolvidas durante o dia e a noite do desempregado, já que afetam a forma como os desempregados se relacionam com outras pessoas, como também prejudicam as horas destinadas ao descanso.

Os desempregados entrevistados neste estudo se responsabilizam pela sua situação de desemprego, ou seja, atribuem a sua baixa escolaridade, a sua insuficiente qualificação profissional, a sua pouca experiência profissional, a sua idade ou raça, os motivos geradores de seu desemprego. Os participantes da pesquisa não demonstram um conhecimento sobre a expansão do desemprego, na sociedade brasileira contemporânea. Os participantes do presente estudo enfatizam que seus valores impediriam a efetivação de atos ilícitos, mas revelam que não condenam aqueles que o cometem, devido a uma situação extrema de impossibilidade em adquirir as mercadorias essenciais para garantir a sobrevivência deles e de sua família.

A família possui um forte significado para o trabalhador desempregado. A família de origem atua dando apoio, principalmente financeiro. Há casos, no entanto, em que a pessoa desempregada não pode contar com a família de origem, ficando desamparada financeiramente. Os cônjuges, de forma geral, são descritos como pessoas que fornecem suporte afetivo e

material, já que incentivam a busca pelo emprego e assumem as despesas da família. Porém, de forma geral, se verifica uma perda na qualidade da relação entre o casal, devido às preocupações geradas pelo desemprego. A consciência da responsabilidade em prover as mercadorias necessárias para os filhos e a preocupação em não conseguir cumprir a responsabilidade são enfatizadas pelos participantes que possuem filhos dependentes.

A queda no padrão de consumo é um fator central decorrente da situação do desemprego. Os participantes demonstram não conseguir atualizar as mercadorias que costumavam adquirir, e passam a vender algumas mercadorias adquiridas com o objetivo de obter recursos financeiros para comprar outras mercadorias de maior necessidade. Em casos extremos contraem dívidas, sem terem a possibilidade de quitá-las.

Os participantes relatam a perda no poder de decisão sobre a condução de suas próprias vidas, já que a situação de desemprego gera uma dependência de outras pessoas, que são os provedores de suas necessidades básicas. De forma geral, essa situação de dependência possui uma conotação de submissão, já que os participantes desempregados sentem que tem que se sujeitar às regras e decisões daqueles que os sustentam.

Ao serem questionados sobre qual a dimensão mais importante do trabalho, se a atividade ou o salário, todos os participantes atribuem uma importância fundamental ao trabalho enquanto o meio principal de obtenção de uma remuneração que os permite trocar por outras mercadorias necessárias. A equivalência de importância entre a atividade e a remuneração foi apontada por dois dos participantes, que demonstram não dissociar a atividade da remuneração, sendo que a segunda não tem sentido sem o exercício da primeira.

O distanciamento social, expresso na diminuição da frequência em encontros sociais, gerado pela necessidade de redução nos gastos, também faz parte da vivência do desempregado, no momento da situação de desemprego.

De forma geral, os sentimentos gerados pela situação do desemprego são sentimentos negativos, isto é, possuem uma conotação desagradável, associados a uma experiência de sofrimento, por parte dos desempregados. O desespero, a perda da esperança, o desamparo, a

tristeza, a revolta e a desorientação são sentimentos verbalizados e expressos de forma contundente pelos participantes. Nenhum sentimento positivo, isto é, descrito com uma conotação agradável, foi associado, pelos participantes, à experiência do desemprego.

A falta de informações sobre os critérios de seleção para as funções às quais concorrem, como também, a ausência de uma resposta sobre os resultados dos processos seletivos aos quais se submetem, geram, nos desempregados, uma sensação de serem desconsiderados pelas organizações de trabalho.

Diante de tantas tentativas frustradas de reingresso no mercado de trabalho, e da conseqüente perda da esperança, assim como do desespero causado pela situação do desemprego, algumas expressões e atitudes são adotadas para recuperar a esperança e aliviar as tensões: a crença no pensamento positivo e religioso, assim como a prática de longas caminhadas, funcionando como estratégias para minimizar os impactos do desemprego e possibilitando a continuidade no processo de busca de reinserção no mercado de trabalho.

O planejamento da vida futura também fica dificultado devido à situação do desemprego, já que a ausência de recursos financeiros compromete o investimento no desenvolvimento profissional e na aquisição de bens materiais.

Parece fundamental destacar que entre os treze participantes da pesquisa, dez choraram de forma dramática ao relatarem sua experiência diante da situação do desemprego. Fato este que demonstra que a vivência do desemprego se caracteriza por ser uma experiência de grande sofrimento para as pessoas desempregadas, e que denota o processo de degradação dessas pessoas como seres humanos, já que ficam somente limitadas à aquisição das mercadorias necessárias para continuarem sobrevivendo.

CAPÍTULO 4

O DESEMPREGO SOB A ÉGIDE DO CAPITALISMO

Vários dos elementos que compõem os resultados da presente pesquisa são coincidentes com as pesquisas realizadas por outros estudiosos citados na revisão bibliográfica. Estes resultados demonstram que a situação de desemprego é sentida, de forma geral, como uma situação geradora de grande sofrimento, configurando-se como uma experiência bastante negativa para aqueles que a vivenciam.

Por investigar as características da vivência das pessoas desempregadas, este estudo contribuiu no sentido de apontar elementos do cotidiano dessas pessoas, que não haviam sido descritos pelos estudos anteriores demonstrando que: a pessoa desempregada executa uma série de tarefas e despende uma grande parte de seu tempo para se inserir novamente no mercado de trabalho; como a situação de desemprego interfere na vida do desempregado; os sentimentos gerados pelo desemprego e a que fatores da situação do desemprego estão associados; a importância do trabalho como o meio que permite a remuneração para a compra dos produtos necessários para a produção de suas vidas e as consequências dramáticas que a privação da remuneração pode acarretar para a vida das pessoas.

Contudo, para que se possa compreender o desemprego e sua determinação na vida humana, é necessário que seja entendido para além dele mesmo, ou seja, é preciso buscar compreendê-lo como um fenômeno que se produz no bojo de determinadas relações sociais, as relações capitalistas.

1. A CONTRIBUIÇÃO DOS PESQUISADORES DA PSICOLOGIA

Alguns autores, inclusive no campo da psicologia, se empenharam em discutir as conseqüências do desemprego, fazendo uma incursão numa perspectiva analítica do capital.

Ao analisar as conseqüências do desemprego para a população de El Salvador, Baró (1998) não apenas demonstra essas conseqüências, mas faz uma relação entre o sofrimento pelo qual a população vem passando, devido ao desemprego, com uma crítica ao sistema econômico vigente - o sistema capitalista. Ao fazer essa crítica ao sistema econômico adotado em El Salvador, o mesmo autor critica também a atuação dos psicólogos, principalmente aqueles que trabalham na América Latina, diante do fenômeno do desemprego. Para ele, o discurso dominante em El Salvador atribui as causas do desemprego às constantes guerras, que ocasionariam uma constante mudança da população para regiões menos conflituosas, regiões estas que não possuem condições de emprego.

No entanto, segundo o autor, a ocorrência de guerras somente agrava a situação de desemprego, que em sua análise, tem suas reais origens na adoção de um sistema econômico - o sistema capitalista de produção, que é incapaz de gerar empregos suficientes para toda a população com alta taxa de crescimento demográfico. De acordo com o autor, esse sistema econômico é extremamente injusto, na medida que tem sido orientado para atender os interesses de um segmento minoritário da população do país e, causando assim uma situação degradante para os outros segmentos populacionais.

Partindo da constatação de que existe uma vasta produção científica da psicologia voltada para pessoas que vão se inserir ou já estão inseridas no mercado de trabalho ¹⁵, mas que não existe uma equivalente produção e reflexão sobre como a psicologia pode enfrentar os problemas que emergem daquelas pessoas que estão sem trabalho, e na condição de desempregadas, designadas a passar a maior parte da vida na busca de emprego, Baró (1998)

¹⁵ Baró (1998) afirma que existe uma vasta produção na orientação vocacional, na seleção e treinamento de pessoal, em métodos para o desenvolvimento da motivação e eficiência no trabalho, e também em estratégias para conseguir maior satisfação no trabalho.

faz um questionamento e uma discussão sobre o papel do psicólogo latino-americano diante do desemprego que acomete as nações latino-americanas.

Nesse sentido, o autor faz uma severa crítica à psicologia organizacional que se compromete em investigar a melhor forma de adaptar o homem a sua função, contribuindo apenas para que este aumente sua eficiência e sua satisfação no trabalho, atuando de forma a não permitir uma contextualização mais ampla da relação dos indivíduos com as relações de trabalho vigentes nessa sociedade, assim funcionando de forma a atender as demandas de um sistema econômico injusto.

Para o autor, a psicologia deveria se comprometer com os desempregados no sentido de investigar formas de atuação que os ampare, promovendo estratégias que visem minimizar os problemas de personalidade gerados pelo desemprego, e estratégias que os ajudem a desenvolver uma vida social na qual exista perspectivas e projetos futuros, e não somente numa vida voltada para a tentativa de aquisição da sobrevivência cotidiana.

Ao adotar essa postura crítica, coloca o autor, os psicólogos não privilegiariam a investigação do homem no seu espaço de trabalho, mas estariam comprometidos com as necessidades das comunidades e dos indivíduos desempregados e a psicologia seria levada a desenvolver uma prática fundamentalmente voltada para a saúde e não para a manutenção da ordem social.

Em seu estudo sobre a percepção dos metalúrgicos acerca das transformações do mercado de trabalho e qualificação profissional, Barbara (1999) discute o fenômeno do desemprego na atualidade, apresentando as transformações que vêm ocorrendo nos sistemas produtivos e o conseqüente desemprego estrutural.

A autora dá um salto na discussão das conseqüências que o desemprego acarreta para os trabalhadores desempregados, já que, além de aspectos psicológicos (a vergonha, sentimento de exclusão e de desamparo), discute o carácter ideológico do discurso da qualificação profissional. Fundamentada nas análises de Antunes e Mattoso sobre as transformações nos sistemas produtivos do atual estágio do sistema capitalista e o conseqüente desemprego

estrutural, a autora se contrapõe à concepção de que o desemprego é causado pela falta de qualificação profissional dos trabalhadores.

A qualificação profissional do trabalhador não se configura, segundo a autora, como causa e nem como solução para os desempregados, uma vez que tal explicação é ideológica e, dessa forma, camufla uma análise mais profunda da realidade de um sistema econômico voltado para a produtividade e para o lucro das empresas capitalistas. No entanto, o discurso da qualificação é difundido na sociedade e, conforme resultados de sua pesquisa, é internalizado pelos trabalhadores que se culpam e se responsabilizam pela sua situação de desempregados, justificando seu desemprego pela falta de qualificação profissional, fato que intensifica ainda mais o sofrimento associado aos aspectos psicológicos e às restrições materiais, decorrentes da condição de desempregado.

A autora faz uma importante discussão no que se refere ao discurso ideológico da qualificação profissional, que, sendo internalizado pelos desempregados, não permite a esses o acesso ao conhecimento das verdadeiras variáveis causadoras do desemprego, as quais são de ordem econômica, tornando-se, assim, vítimas desse processo, sem conseguir portanto uma atuação efetiva para alterar sua condição, justamente pela falta de consciência dos elementos envolvidos. Segundo a autora, somente a consciência do que ocorre no ambiente no qual os sujeitos estão inseridos permitiria -lhes um maior controle sobre os aspectos envolvidos neste ambiente.

Ao abordar o papel da psicologia diante do panorama da reestruturação produtiva, do conseqüente desemprego estrutural e do discurso ideológico da qualificação profissional, Barbara (1999) faz uma discussão colocando que cabe aos psicólogos atuarem na desmistificação deste discurso ideológico, atuando assim na promoção da consciência das verdadeiras variáveis envolvidas no desemprego, que é estrutural. Desta forma, os psicólogos estariam auxiliando para que os desempregados se tornem mais ativos no processo de transformação de sua realidade.

Não obstante, Baró (1998), citado anteriormente, parece ter razão quando salienta que as investigações e a atuação da psicologia tendem a privilegiar as questões do homem em relação ao seu trabalho em detrimento das questões do homem na relação com a ausência do trabalho. As decorrências do desemprego têm sido negligenciadas pela psicologia, como se a investigação desse fenômeno estivesse para além do espaço de discussão e da atuação dos psicólogos, sendo poucas as pesquisas desenvolvidas na psicologia para compreender a experiência do desemprego a partir do cotidiano vivido pelos desempregados. É escassa a produção científica enfocando seus sentimentos (medos, angústias), a produção de sua vida psicológica e material, a relação com outras pessoas de seu convívio, a forma como ocupam o seu tempo, alterações de hábitos e de condutas acarretadas pela situação do desemprego, a forma como administram e buscam saídas para o desemprego. Mas, para além disso, é necessário admitir que tem sido escassa, para não dizer quase inexistente, no campo da psicologia, a contribuição teórica acerca da produção do gênero humano submetido aos ditames das relações de produção estabelecidas pelo capital, nas quais se produz, como um dos aspectos de sua própria dinâmica, o fenômeno do desemprego.

Mesmo reconhecendo as imprescindíveis contribuições dos autores citados anteriormente, entendo que existe a necessidade da ampliação dos estudos, e portanto da realização de análises complementares a essas, para a compreensão do desemprego e da produção da vida humana numa sociedade capitalista. Embora tais autores tenham se empenhado em apresentar uma abordagem inovadora e diferenciada em relação aos seus pares, oferecendo pistas importantes, é necessário, tomando-os como ponto de partida, dar continuidade e aprofundar a compreensão do fenômeno do desemprego no bojo da lógica da produção e reprodução do capital. É o que se pretende fazer nas linhas que se seguem.

2. O TRABALHO E A PRODUÇÃO DA VIDA HUMANA

Entender, de forma satisfatória, o desemprego e seus desdobramentos na vida das pessoas que se encontram desempregadas no bojo do movimento contraditório do capital é uma tarefa que extrapola em muito os limites de uma dissertação desta natureza. O objetivo deste estudo, muito menos ousado, é o de apenas dar seqüência à abordagem do tema realizada pelos autores supra citados, contribuindo, assim, com o aprofundamento da análise do referido fenômeno. Para tanto, inicialmente, será apresentada a discussão do desemprego relacionando-o com a questão do trabalho, para, em seguida, no próximo tópico, buscar compreender esta relação no interior das contradições da produção capitalista.

O primeiro aspecto a destacar no conjunto da análise a ser desenvolvida é a questão do trabalho, tendo em vista a importância vital que desempenha em qualquer tipo de sociedade, inclusive na capitalista.

O trabalho é uma atividade central da existência humana, pois para poder viver e, dessa forma, construir-se a si próprio e a sua história, o homem teve de transformar a natureza para garantir as condições básicas de sua sobrevivência. De fato, Engels (s.d, p.:269) enfatiza que o trabalho “é a condição básica e fundamental de toda a vida humana; e em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”. Na mesma linha, Marx (1985) afirma que o trabalho como “criador de valores de uso”, isto é, o trabalho que permite ao homem produzir os meios para a satisfação de suas necessidades básicas e de suas fantasias, é indispensável à existência humana e está presente em todas as formas de sociedade, na medida em que é a forma por excelência de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana. Para ele,

o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele

modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio (Marx, 1983, p.149).

A concepção de que o trabalho é essencial para a produção da vida humana, na medida em que possibilita a aquisição dos produtos que lhe são necessários, também é encontrada em Ferreira (2001). Contextualizando a discussão no âmbito da sociedade contemporânea, o capitalismo, o autor defende a idéia de que as pessoas não trabalham porque gostam, mas sim para que possam produzir seu sustento, o que, na concepção do autor, significa garantir o atendimento das necessidades de moradia, abrigo, alimentos, isto é, "a manutenção pessoal e/ou familiar". (p.2)

O mesmo autor fundamenta sua concepção apontando que as pessoas que trabalham em atividades desvinculadas da produção de seu sustento não compõem a regra, mas a exceção, dentro de uma população e que, nesses casos, tais pessoas já possuem, de alguma forma, seu "sustento" garantido, isto é, tem garantidas as condições necessárias para a produção de sua vida nos aspectos citados. Ferreira (2001) exemplifica que estas pessoas, de forma geral, estão vinculadas com amplos projetos de produção de sustento coletivo, orientadas para projetos de transformação de uma realidade social, ou ainda empenhadas em projetos que objetivam a redução de danos causados pela presente organização social.

Ferreira (2001) faz uma interessante discussão sobre o significado atribuído ao trabalho pelas pessoas, na sociedade contemporânea. O autor afirma que o significado do trabalho está relacionado, não somente ao fato de que este se configura como o meio principal de produção de sustento. O autor defende a tese de que o significado do trabalho se deriva da possibilidade de prover sustento dentro de um determinado padrão de consumo. O padrão de consumo é estabelecido tendo como referência o padrão de consumo do grupo de convívio das pessoas.

Para ele

a equação "trabalho é igual a produção de sustento" precisa então ser ampliada. O significado do trabalho é dado pela possibilidade de prover sustento de um determinado padrão de consumo. Se o trabalho realizado por alguém produz um rendimento ou retorno insuficiente para sustentar o padrão

de consumo de referência para essa pessoa ou seu grupo de convívio, ele é alvo de desconsideração (Ferreira, 2001, p. 4).

Continuando sua análise, Ferreira (2001) afirma que a relação entre trabalho e padrão de consumo é tão estreita que é possível confundir as motivações que levam as pessoas a desenvolverem seu trabalho. Segundo o autor, há pessoas que estabelecem uma relação prazerosa com seu trabalho, mas isto não significa que o motivo principal que as levou a trabalhar tenha sido o prazer pelo trabalho, mas sim que, na medida em que necessitam trabalhar para prover seu sustento, constroem formas de obter prazer nas atividades de trabalho que realizam.

Ferreira (2001) conclui, então, que o trabalho é antes de tudo um fenômeno econômico e, portanto, é preciso compreender que o que condiciona o trabalho é o consumo, e não adotar a idéia inversa, de que o consumo é resultado do trabalho. Isto significa dizer que "as pessoas trabalham porque precisam se sustentar e não se sustentam porque trabalham". Nas palavras do autor

o trabalho só pode ser entendido como sustento, como manutenção de vida, como reprodução da força de trabalho. Este caráter econômico do trabalho certamente não é o único importante, mas é o mais fundamental, já que os demais não chegam a ocorrer a não ser por determinação desta condição: a necessidade humana de reproduzir-se. Quaisquer outras dimensões (simbólicas, de gênero, cultural) são construídas a partir da exigência de trabalho, posta pela necessidade humana, conforme seja caracterizada por algum grupo. (Ferreira, 2001, p.6)

Em consonância com o pensamento de Ferreira (2001) acerca da função do trabalho humano, na sociedade capitalista, está Seve (s/d). Ao fazer uma pertinente discussão sobre as necessidades especificamente humanas, o autor defende que o trabalho característico da sociedade capitalista, não corresponde a uma necessidade humana primária, mas sim o oposto, isto é, as necessidades humanas primárias, as de sobrevivência, é que exigem o trabalho, que segundo o autor, mesmo sendo alienado, se torna o meio principal de ganhar a vida.¹⁶

¹⁶ Para uma compreensão mais aprofundada ler Seve (s/d).

Na sociedade capitalista, o trabalho social alienado (e para a grande massa dos indivíduos não há senão este) não só não é a primeira necessidade (no sentido mais integral do termo) como constitui igualmente a sua radical negação. Nestas condições, não é o trabalho que é minha primeira necessidade, sendo sim, pelo contrário, a minha necessidade que exige o trabalho como meio de ganhar a minha vida. (Seve, s/d , p. 461).

3. O SIGNIFICADO DO DESEMPREGO NA LÓGICA DO CAPITALISMO.

No capitalismo, a produção do sustento das pessoas pelo trabalho, conforme argumenta Ferreira, ou melhor, a produção da vida humana se processa por intermédio do mercado, que pode ser entendido, grosso modo, como o lugar social (incluída aqui a dimensão econômica) no qual todos os indivíduos, para poder viver, necessitam comprar e vender mercadorias, sejam estas na forma de produtos ou serviços ou na forma de força de trabalho. Segundo Marx (1985), se denomina mercadoria qualquer valor de uso (capaz de satisfazer necessidades humanas do estômago às fantasias , não importando sua natureza, se é material, se é fisiológica, desejo ou de qualquer outra ordem) que se troca por valores de uso de outra espécie. São mercadorias todos os elementos que se podem vender e comprar, portanto, produtos e a força de trabalho humana.

Numa sociedade de mercado, como é o capitalismo, as pessoas têm de ir ao mercado para comprar as mercadorias necessárias para sua satisfação os meios de subsistência , realizando assim sua condição de compradores/consumidores. Contudo, ninguém pode comprar se “antes” não vender, quer dizer, para poder comprar os meios de subsistência, as pessoas precisam vender alguma mercadoria, qualquer que seja, efetivando, dessa forma, sua condição de produtores/vendedores. Em outras palavras, para poder viver, as pessoas necessitam comprar e, para poder comprar, precisam vender. Isso significa que, para produzir sua vida na sociedade do capital, todos os indivíduos, salvo algumas exceções, são produtores e ao mesmo tempo consumidores, ou seja vendedores e compradores de mercadorias.

No sistema capitalista, portanto, somente mediante a venda de alguma mercadoria, quer dizer, algum produto qualquer ou a força de trabalho em especial, se é possível adquirir os meios de subsistência necessários para a manutenção da vida humana. Os indivíduos que detêm os meios de produção (a terra e os equipamentos indispensáveis na produção de algum produto), são também proprietários dos produtos que são produzidos e, dessa forma, podem vendê-los e adquirir em troca uma quantidade de dinheiro para comprarem outros produtos necessários para sua sobrevivência, isto é, podem comprar outras mercadorias. Todavia, outros indivíduos, que não possuem os meios de produção necessários para produzir algum produto, são obrigados a vender sua força de trabalho para, então, obterem alguma remuneração e realizarem a troca pelos produtos necessários para produzir sua vida, os meios de subsistência. Isso significa que, no capitalismo, existem, grosso modo, dois segmentos sociais que se constituem e se diferenciam como vendedores: de um lado, os proprietários dos meios de produção que, por decorrência, são também proprietários das mercadorias produzidas com seus meios de produção e, por esta razão, vendedores destas mesmas mercadorias, e, de outro, os que estão privados dos meios de produção e, dessa forma, tendo como única propriedade sua força de trabalho, são vendedores desta última mercadoria.

3.1. Proprietários de meios de produção e vendedores de mercadorias

Neste segmento abordaremos os primeiros vendedores, ou seja, aqueles que não vendem a força de trabalho, mas vendem outras mercadorias, já que são proprietários de meios de produção. Ao tratar desse assunto, Tumolo (2000) aponta a existência de duas relações sociais de produção de mercadorias que, embora articuladas, são distintas e originam duas formas de mercado: as relações de produção especificamente capitalistas e relações de produção não-capitalistas. As primeiras, que expressam o mercado especificamente capitalista, se caracterizam pela venda da força de trabalho do trabalhador para o capitalista, detentor dos meios de produção, de tal maneira que a força de trabalho produz uma mercadoria que é

propriedade do capitalista, e este vai vendê-la no mercado. Ao produzir uma mercadoria que vai ser vendida pelo seu valor, o trabalhador produz também mais-valia, que será acumulada pelo capitalista, num movimento incessante e insaciável, configurando o movimento do capital. Tal relação só ocorre quando existem dois sujeitos sociais, que estabelecem a compra e venda da força de trabalho, que é uma mercadoria específica. De um lado os proprietários dos meios de produção e, de outro, os trabalhadores que vendem sua força de trabalho, de tal maneira que, nesta relação, há a produção de uma mercadoria para o capitalista, que vai vendê-la, realizando, assim, a exploração da mais-valia, num processo incessante de valorização de valor, que é o capital.

A produção de mercadorias pode se dar também em relações sociais não especificamente capitalistas, que configuram outra forma de mercado, e que se caracterizam pela inexistência da compra e venda da força de trabalho. Ou seja, os proprietários dos meios de produção se utilizam de sua própria força de trabalho, com a qual produzem mercadorias e as vendem no mercado. Por essa razão, em tais relações ocorre apenas a produção de mercadoria, de valor, mas não de mais-valia, não havendo possibilidade de produção e reprodução do capital. Exemplo disso é a produção individual, familiar ou cooperativa de qualquer mercadoria, seja ela agrícola, industrial ou de serviço. Um camponês, proprietário de meios de produção, que, junto com sua família, produz feijão para vender, ou uma cooperativa, composta de diversos donos de meios de produção, que fabrica roupas para levar ao mercado, ou ainda um indivíduo que produz a mercadoria serviço de assistência técnica de computadores, são alguns exemplos concretos de relações sociais de produção de mercadorias que não são capitalistas.

No entanto, estas relações estão subordinadas às relações de produção especificamente capitalistas. As relações sociais de produção que produzem apenas mercadorias, mas não capital, responsáveis pela produção da vida de parte da humanidade, tendem a se restringir, na medida em que as relações sociais de produção especificamente capitalistas tendem a se ampliar, a aumentar relativamente, comprimindo o mercado não capitalista. Ocorre que aqueles que estão vendendo mercadorias produzidas em relações de produção não-capitalistas concorrem com

empresas que se encontram na lógica de produção capitalista e que adotam determinadas formas de organização do trabalho, como a produção em série, a adoção de sofisticada tecnologia, com as quais conseguem diminuir o valor de suas mercadorias, deixando aqueles produtores concorrentes sem ou com poucas chances de competir e de sobreviver no mercado, já que sua produção se caracteriza, geralmente, por ser artesanal ou semi artesanal.

Na medida em que as empresas capitalistas entram num mercado de produção de uma determinada mercadoria, a tendência é ir eliminando ou diminuindo o campo de ação dos concorrentes que não estabelecem a relação especificamente capitalista. Ocorre assim uma ampliação do mercado especificamente capitalista e, ao mesmo tempo, uma diminuição da possibilidade de produção de mercadorias fora do espaço produtivo capitalista. Apesar da possibilidade da abertura de um negócio próprio, a tendência é que as pessoas têm cada vez mais dificuldade de produzir e vender mercadoria, de tal maneira que consigam comprar as mercadorias (meios de subsistência) necessárias para poderem produzir sua vida.

O espaço de sobrevivência fora do mercado capitalista tende a ser cada vez menor, o que não significa dizer que não existam, ou deixarão de existir, trabalhadores que produzam suas mercadorias e concorram com as grandes empresas, mas este espaço tem sido e tende a ser cada vez menor.

Portanto, embora as pessoas tenham possibilidade de vender alguma mercadoria que não a força de trabalho, há uma diminuição relativa dessa possibilidade, na medida em que há um aumento relativo do espaço de atuação do mercado especificamente capitalista.

3.2. Vendedores de força de trabalho

Os seres humanos que estão privados da propriedade de meios de produção se encontram na necessidade de vender a única mercadoria de que dispõem, qual seja, sua força de trabalho. E o fazem porque é justamente pela venda da força de trabalho que conseguem comprar os meios de subsistência e, dessa forma, produzirem suas vidas.

Meios de subsistência, na concepção de Marx, significam a soma de todos os elementos necessários para a manutenção do trabalhador num nível de vida normal de tal maneira que este continue trabalhando em condições adequadas de força e de saúde. Meios de subsistência se associam às necessidades humanas de alimentação, de vestuário, de habitação, de transporte, saúde, educação, lazer, etc. No entanto, devido ao fato de que as necessidades humanas são construções sociais e históricas, são meios de subsistência todos os elementos necessários à manutenção da vida humana, de acordo com o desenvolvimento da sociedade na qual os indivíduos estão inseridos. Para Marx (1985),

a soma dos meios de subsistência deve ser, portanto, suficiente para mantê-lo no nível de vida normal do trabalhador. As próprias necessidades naturais de alimentação, roupa, aquecimento, habitação, etc. variam de acordo com as condições climáticas de cada país. Demais, a extensão das chamadas necessidades imprescindíveis e o modo de satisfazê-las são produtos históricos e dependem, por isso, de diversos fatores, em grande parte do grau de civilização de um país e, particularmente, das condições em que se formou a classe de trabalhadores livres, com seus hábitos e exigência peculiares (p. 191).

Percebe-se portanto, que a definição de meios de subsistência possui um caráter histórico e moral, na medida em que só podem ser compreendidos a partir das necessidades postas por um momento histórico de uma sociedade, dependendo de seu estágio de desenvolvimento, assim como pelos costumes e valores vigentes associados aos hábitos daqueles que vivem nessa sociedade.

Um dos componentes dos meios de subsistência ressaltado por Marx (1985) é aquele referente à aprendizagem e à educação necessárias ao trabalhador para desenvolver algum trabalho com habilidade e destreza, o que coloca a educação e qualificação profissional como indispensáveis a uma vida humana normal e, portanto, à produção da força de trabalho.

Indo na mesma direção, Tumolo (2000) faz um diálogo com as análises de Marx e propõe que se entenda meios de subsistência como o conjunto de elementos necessários para que o trabalhador mantenha sua vida normal "dentro e fora do trabalho", de tal forma a proporcionar ao trabalhador e à sua família uma vida digna em sua totalidade. O autor afirma que

o valor da força de trabalho (...) corresponde a um determinado quantum de trabalho abstrato socialmente necessário para produzir a massa de meios de subsistência necessária para a produção e reprodução normais da vida do trabalhador e de sua família em sua totalidade — alimentação, moradia, transporte, vestuário, saúde, educação, lazer, etc. Note-se que o valor da força de trabalho não corresponde somente aos meios de subsistência necessários para que o trabalhador realize um determinado trabalho durante o tempo de trabalho que ele vendeu ao capitalista — sua jornada de trabalho —, mas àqueles necessários ao trabalhador e sua família para a produção normal e digna da vida em sua integralidade durante as vinte e quatro horas do dia, 365 dias no ano, etc. Isto inclui, portanto, uma soma de meios de subsistência para além daqueles necessários ao tempo de trabalho vendido. Por exemplo, a alimentação e o vestuário devem suprir as necessidades não só do “tempo e espaço de trabalho”, mas também do “tempo e espaço do não-trabalho”, quer dizer, da vida da família do trabalhador, assim como a educação não pode restringir-se à formação ou qualificação para o trabalho, mesmo que tal formação tenha um sentido geral e abrangente, mas abarcar o acesso ao conhecimento e à cultura necessários à vida humana em determinado tipo de sociedade. (...) A constituição do trabalhador implica a constituição do cidadão. É como ser que vive integralmente na sociedade do capital, satisfazendo as necessidades de todas as dimensões humanas — do estômago à fantasia —, ou seja, é como cidadão e, por conseguinte, consumidor de todos os meios de subsistência necessários à sua vida, que o sujeito produz a força de trabalho, para “depois”, na condição de proletário, vendê-la ao seu comprador. (Tumolo, 2000, p.3).

Assim sendo, é somente mediante a venda da força de trabalho que os trabalhadores não-proprietários dos meios de produção conseguem comprar os meios de subsistência necessários para a produção de suas vidas. Contudo, o mesmo autor argumenta que, embora o mercado especificamente capitalista de produção de mercadorias aumenta, conforme assinalado anteriormente, ocorre no âmbito deste uma redução relativa do mercado de trabalho. Este movimento acontece de forma concomitante e articulada, ou seja, o mercado capitalista se amplia reduzindo o mercado de trabalho capitalista. O capital requer, em termos relativos, cada vez menos força de trabalho na produção de mercadorias na relação especificamente capitalista. Há uma redução, portanto, do mercado da força de trabalho, ocasionando um incremento do contingente de trabalhadores supérfluos, que tem sido denominado por alguns autores, como Antunes (1999), de desemprego estrutural. Isto se deve à própria lógica do capital, por meio da adoção de novas formas de gestão e administração do trabalho e dos avanços tecnológicos, que

produz esse efeito que é o dispensamento relativo da força de trabalho. A mercadoria força de trabalho se torna cada vez mais dispensável.

A respeito dessa questão, e discorrendo sobre o capitalismo contemporâneo, por meio da caracterização do modelo toyotista, Antunes (1999) afirma que tal padrão produtivo busca garantir a flexibilização do aparato produtivo, a flexibilização da organização do trabalho e também a flexibilização dos trabalhadores, que são absorvidos e descartados facilmente e sem custos, de acordo com as necessidades impostas para a acumulação do capital. Ao se referir às conseqüências da lógica adotada pelo capital para os trabalhadores, o autor assinala que

a força humana de trabalho é descartada com a mesma tranqüilidade que se descarta uma seringa. Assim faz o capital, e há então uma enorme massa de trabalhadores e trabalhadoras que já fazem parte do desemprego estrutural, são parte do monumental exército de reserva que se expande em toda parte. Essa tendência tem se acentuado, em função da vigência do caráter destrutivo da lógica do capital, muito mais visível nesses 20, 30 anos. (Antunes,1999, p. 200)

O autor ainda faz algumas considerações a respeito do direito ao trabalho para a produção da vida dos trabalhadores, assim como expressa sua opinião sobre a situação dramática que os trabalhadores desempregados, principalmente aqueles que se situam na América Latina, são submetidos, na medida em que se encontram desprovidos de qualquer seguridade social, e faz a seguinte reflexão:

o direito ao trabalho é uma reivindicação necessária não porque se preze e se cultue o trabalho assalariado, heterodeterminado, estranhado e fetichizado (que deve ser radicalmente eliminado com o fim do capital), mas porque estar fora do trabalho, no universo do capitalismo vigente, particularmente para a massa de trabalhadores e trabalhadoras (que totalizam mais de dois terços da humanidade) que vivem no chamado Terceiro Mundo, desprovidos completamente de instrumentos de seguridade social, significa uma desefetivação, des-realização e brutalização ainda maiores do que aquelas já vividas pela “classe-que-vive-do-trabalho. (Antunes,1999, p. 177)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Articulando-se as situações dos vendedores de mercadorias, constata-se, de um lado, um aumento na dificuldade para que as pessoas vendam sua força de trabalho para o mercado especificamente capitalista, cujo efeito prático é o aumento das taxas médias de desemprego, assim como, de outro lado, uma tendencial diminuição da possibilidade de produção social da vida fora do mercado capitalista. Em ambos os mercados há uma tendência de aumentar a dificuldade de vender alguma mercadoria, seja ela força de trabalho ou outra mercadoria qualquer, o que resulta numa dificuldade cada vez maior de sobreviver, isto é, de que as pessoas possam comprar as mercadorias necessárias para produzirem sua própria vida. Para Tumolo (2000, p. 14),

a ampliação do mercado capitalista foi e tem sido acompanhada, simultânea e contraditoriamente, por uma contração relativa do mercado de trabalho capitalista, na medida em que (...) o desenvolvimento das forças produtivas sob a forma capitalista causa a diminuição relativa da utilização da força de trabalho, ou seja, reduz relativamente o número de trabalhadores requeridos e explorados pelo capital. O mercado capitalista, pois, se amplia reduzindo relativamente a utilização da força de trabalho. O resultado da articulação contraditória desses dois fenômenos é, de um lado, o incremento sistemático e “estrutural” do desemprego, sobretudo no período recente, dada a velocidade do desenvolvimento das forças produtivas e, de outro, a redução e, em muitos casos, a eliminação de alternativas de produção da vida, quer dizer, de sobrevivência — além da venda da mercadoria força de trabalho —, seja pela produção e venda de outras mercadorias, ou pela produção de valores de uso, tal o grau de abrangência, controle, concentração e centralização do capital.

A partir desta análise do movimento do capital, é possível compreender que os trabalhadores são menos necessários nas organizações e, portanto, possuem mais dificuldade em vender sua força de trabalho, assim como possuem menos possibilidade de obterem sucesso ao montar um negócio próprio individual ou na forma de cooperativa, na medida em que se torna cada vez mais difícil concorrer com a produção de mercadorias na forma capitalista.

Na opinião de Tumolo (2000), a articulação desses dois fenômenos produz um ser humano cada vez mais degradado, ou seja, esses trabalhadores estão se produzindo cada vez

mais degradados enquanto seres humanos dentro da lógica desse sistema, na medida em que têm cada vez mais dificuldades de comprar seus meios de subsistência, porque têm dificuldades em vender mercadorias, o que implica um maior controle do capital sobre a vida social, ou aquilo que o autor chama de subsunção real da vida social ao capital. Nas palavras do autor:

domínio sobre praticamente todas as atividades humanas, sobre a produção social da vida e redução generalizada do preço da força de trabalho combinada com um imenso (e insolúvel) contingente supérfluo de trabalhadores, eis os ingredientes fundamentais para o controle do capital sobre a vida dos trabalhadores. A subsunção real do trabalho e a subsunção formal da vida dos trabalhadores ao capital se transformam, na contemporaneidade, em subsunção real da vida dos trabalhadores ao capital. Mais do que isto, tendo em vista o controle do capital sobre toda a vida social, se transforma em subsunção real da vida social ao capital (idem).

Em outro texto de sua autoria, o mesmo autor (Tumolo, 2001) tece um conjunto de considerações acerca do movimento contraditório do capital e conclui que, nesta forma social, a produção da vida do ser humano se dá pela produção de sua morte, a constituição de sua condição de sujeito humano social se dá por intermédio da negação dessa mesma condição. O capital, que se manifesta pelo seu movimento incessante de valorização do valor se *hominiza*, se *subjetiviza*, isto é, adquire a condição de sujeito, na medida e na proporção em que produz um ser humano social reificado, um sujeito social coisificado.

Em consonância com este pensamento, Teixeira (1995), ao discutir sobre a sociedade capitalista, afirma que a unidade de ligação entre produção, distribuição, circulação e consumo nesta sociedade, se constitui pelo mercado, e é através dele, portanto, que se tece a integração social e gesta-se a unidade do todo social. Devido a isto, a produção e distribuição da riqueza social passam por um processo de "coisificação", que não obedecem mais a uma orientação consciente dos produtores, como era nas formas de produção anteriores, nas quais a produção era orientada de acordo com as necessidades previamente determinadas pela comunidade. Citando Engels, Teixeira complementa sua análise afirmando que

todos os vínculos morais da sociedade são destruídos pela transformação dos valores humanos em valores de troca; todos os princípios éticos são

destruídos pelos princípios da concorrência e todas as leis existentes ... são suplantadas pelas leis da oferta e da demanda. A humanidade mesma se converte em uma mercadoria (Engels, apud Teixeira,1995, p.58)

No capitalismo, o mercado surge, portanto, como o fundamento de toda ação humana, o que faz com que todos os valores do homem sejam "coisificados".

Esta forma de compreender o processo de acumulação de capital, estabelecido dentro de uma sociedade de mercado, na qual o capital se *hominiza* e os sujeitos são coisificados, oferece subsídios para se compreender, de forma mais profunda, a lógica na qual os desempregados estão submetidos, dentro de uma sociedade capitalista.

A análise desenvolvida anteriormente permite dar um salto qualitativo na compreensão da vivência das pessoas que foram objeto de investigação desta dissertação. Numa primeira abordagem, a vivência das pessoas entrevistadas poderia ser entendida como fruto do desemprego. Contudo, o aprofundamento da análise permite compreender que o desemprego é um produto histórico de uma sociedade fundada no mercado, o capitalismo, que transformou a força de trabalho em mercadoria. Estabelecendo esta conexão, é possível perceber que a vivência daquelas pessoas é também um produto histórico, fruto da lógica do capital em seu movimento contraditório.

As pessoas desempregadas entrevistadas, que representam apenas uma pequeníssima amostra dos milhões, talvez bilhões, de indivíduos que, ao redor do mundo, vivem nesta mesma condição, se encontram numa situação de dificuldade e, no limite, impossibilidade de vender não somente a força de trabalho, mas qualquer mercadoria uma vez que também estão desprovidas dos meios de produção, e, dessa forma, se encontram na dificuldade, e também na impossibilidade, de comprar as mercadorias meios de subsistência para poderem produzir suas vidas como seres humanos. Ou seja, numa sociedade de mercado como é o capitalismo, suas vidas como seres humanos estão, de fato, ameaçadas e, em alguns casos, até sua reprodução como animais que exige apenas a satisfação das necessidades do "estômago" fica comprometida. Daí se pode entender que as características de sua vivência apresentadas

no capítulo anterior são expressão, no seu cotidiano, da produção de sua degradação como seres humanos e, ao mesmo tempo, de suas tentativas de reação a este processo. Em poucas palavras, a vivência daquelas pessoas é a manifestação aparente do “jogo de vida e morte” que os indivíduos têm de travar para poderem produzir-se como seres humanos no “palco” do mercado capitalista.

Bertold Brecht, um dos maiores dramaturgos e poetas do século passado, tinha total clareza a respeito da relação entre o desemprego e a lógica do capital e, exatamente por isso, no final de seu poema dedicado ao desemprego valendo-se da linguagem de um diálogo com os capitalistas , aponta o segredo de sua superação:

*“Mas a questão é: nosso desemprego
Não será solucionado
Enquanto os senhores não
Ficarem desempregados !”*

Comida

*Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?
A gente não quer só comida
A gente quer comida diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte
A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé,
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer
Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?
A gente não quer só comer
A gente quer comer, quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade*

(Arnaldo Antunes; Marcelo Fromer e Sérgio Brito)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo : Boitempo, 1999.
- BARBARA, Maristela. Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: percepção e sofrimento do trabalhador. **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 1, p. 30-49, 1999.
- BARÓ, Ignacio. **La Liberacion como Horizont de la Psicologia**. Psicologia de la Liberacion. Madri : Editorial Trota, 1998.
- BOCK, Ana. **O lugar do trabalho na psicologia social**. Mesa redonda da ABRAPSO. Outubro de 1999.
- BRASILEIRO. Maria. **O significado da perda do emprego para trabalhadores desempregados**. Relatório final de pesquisa. Departamento de Psicologia - UEPB, 2000.
- CALDAS, Miguel. A demissão e alguns significados psicológicos da perda do emprego para o indivíduo. In: **Anais Enanpad**, cd rom, Rio de Janeiro, 1999.
- CATTANI, Antônio. **Trabalho e autonomia**. 12 ed. Petrópolis : Vozes, 1995.
- CATALANO, Ralph; HANSEN, Hans; HARTING, Terry. The Ecological Effect of Unemployment of Very Low Birthweight in Norway and Sweden. **Journal of Health and Social Behavior**. Vol. 40, p. 422-428, 1999.
- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 3 ed. Rio de Janeiro : FGV, 2000.
- DIEESE. **Reestruturação Tecnológica e Emprego no Comércio em Santa Catarina**. Estudo Regional N 3, Florianópolis, 1999.
- DOMENIGHETTI, Gianfrancesco; DÁVANZO, Barbara; BISIG, Brigitte. Health Effects of Job Insecurity Among Employees in the Swiss General Population in International. **Journal of Health Services**. Vol. 30, p. 477-490, 2000.
- FERREIRA, Marcos. Nota para meus orientandos que recusam a idéia de que a produção de sustento seja a dimensão central no trabalho, 2001 (mimeo).
- FORRESTER, Viviane. **O Horror Ecnômico**. São Paulo : UNESP, 1997.
- FURTADO, Odair. Globalização e desemprego: um debate sobre o fim do emprego. **Revista da ESPM**, 1999.

- GARRIDO, Alicia. Psicologia Social del Desempleo. In: ALVARO, José L; GARRIDO, Alicia; TORREGROSA, J.R. **Psicologia Social Aplicada**. Madrid : McGRAW-HILL/INTERAMERICANA DE ESPANA, 1996.
- KILIMNIK, Zélia. Trabalhar em Tempos de "Fim de Emprego". **Psicologia, Ciência e Profissão**, n 2, p. 34-45, 1998.
- LEJOYEUX, Michel; BOULENGUIEZ, Sofhie; FICHELLE, Anika. Alcohol Dependence Among Patients Admitted to Psychiatric Emergency Services. **General Hospital Psychiatry**, n. 22, p. 206-212, 2000.
- LANE, Silvia T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia T. M. e SAWAIA, Bader B. (orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- LONDOÑO, Juan L. Pobreza, desigualdade, política social e democracia. In: LANGONI, Carlos G. (coord.). **A nova América Latina**. 2 ed. Rio de Janeiro : FGV, 1997.
- MARX, Karl. **O Capital**. 10ed. L. I, Vol 1. São Paulo : DIFEL, 1985.
- MATTOSO, Jorge. **O Brasil desempregado**. 2 ed. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2000.
- PRETI, Antonio; MIOTTO, Paola. Suicide and Unemployment in Italy. **journal Epidemiol Community Health**. N. 53, p. 694-701, 1999.
- POCHMANN, Marcio. **O fenômeno do desemprego no Brasil: diagnostico e perspectivas**. Documento elaborado para o CRUB, setembro de 1999a
- _____ **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999b.
- _____ **O Desemprego na Globalização**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- SEVE, Lucien. **Marxismo e a teoria da personalidade**. Lisboa : Livros Horizonte, s/d.
- SILVA, Seligman. Saúde Mental e Trabalho. In: TUNDIS, Silvério; COSTA, Nilson (orgs.). **Cidadania e Loucura**. Petrópolis : Vozes, 2000.
- TEIXEIRA. José. **Pensando com Marx**. São Paulo : Ensaio, 1995.
- TUMOLO, Paulo. Da Subsunção Formal do Trabalho à Subsunção da Real da Vida Social ao Capital: Apontamentos de Interpretação do Capitalismo Contemporâneo. In **Trabalho e Crítica**. Editora Unisinos, 2000.
- _____. O significado do trabalho no capitalismo e o trabalho como princípio educativo: ensaio de análise crítica. **Trabalho apresentado na 24ª Reunião da ANPED. 2001.**

WADSWORTH, M.; MONTEGOMERY, S.; BARTLEY, M. The Persisting effect of unemployment on health and social well-being in men early in working life. **Social Science and Medicine**. N. 48, p. 1491-1499, 1999.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Qual sua formação profissional?
- 2- Qual sua experiência profissional?
- 3- Por que está procurando emprego?
- 4- Há quanto está desempregado?
- 5- Como você vivencia a situação de estar desempregado?
- 6- Mudou algo em sua vida após o desemprego?
- 7- Quais sentimentos você associa a esta situação?
- 8- Como estão suas relações sociais (família; amigos; associações, lazer)?
- 9- Qual sua rotina? Como ocupa seu tempo?
- 10- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas diante desta situação?
- 11- Como tem lidado com a situação do desemprego?
- 12- O que é mais importante: O emprego enquanto forma de atividade ou o salário que o emprego viabiliza? Porque?
- 13- Como tem lidado com a produção material da vida?

